Estrela da Vida Inteira

Manuel Bandeira

Manuel Bandeira
Vida & Obra

Profª Ana Cristina R. Pereira

"A vida inteira que podia ter sido e que não foi."

Manuel Bandeira

Manuel Bandeira
(1886 – 1968)

- **MANUEL CARNEIRO DE SOUSA BANDEIRA FILHO** nasceu em Recife, em 19 de abril de 1886. Ainda jovem, muda-se para o Rio de Janeiro, onde faz seus estudos secundários. Em 1903 transfere-se para São Paulo, onde inicia o curso de Engenharia na Escola Politécnica. No ano seguinte, interrompe os estudos por causa da tuberculose e retorna ao Rio de Janeiro. Desenganado pelos médicos, passa longo tempo em estações climáticas do Brasil e da Europa, onde toma contato com a poesia simbolista e pós-simbolista,

Nessa fase é que inicia-se realmente a produção poética de Manuel Bandeira, conforme explica o crítico Davi Arrigucci Jr.: **"A poesia de Bandeira (..) tem início no momento em que sua vida, mal saída da adolescência, se quebra pela manifestação da tuberculose, doença então fatal. O rapaz que só fazia versos por divertimento ou brincadeira, de repente, diante do ócio obrigatório, do sentimento de vazio e tédio, começa a fazê-los por necessidade, por fatalidade, em resposta à circunstância terrível e inevitável".**

- Segundo Alfredo Bosi, Manuel Bandeira chamou-se um dia de “poeta menor”. Fez por certo uma injustiça a si próprio, mas deu, com essa notação crítica, mostras de reconhecer as origens psicológicas da sua arte: aquela atitude intimista dos *crepusculares* (simbolistas e pós-simbolistas) do começo do século que ajudaram a dissolver toda a eloqüência pós-romântica, pela prática de um lirismo confidencial, auto-irônico, talvez incapaz de empenhar-se num projeto histórico, mas, por isso mesmo, distante das tentações pseudo-ideológicas, alheio a descaídas retóricas.

Manuel Bandeira

- Em nosso poeta essa atitude, que trai um inato individualismo, redime-se pelo culto da comunicação literária. O esforço de romper com a dicção entre parnasiana e simbolista de *A cinza das horas* foi plenamente logrado enquanto fez de Bandeira um dos melhores poetas do verso livre em português, e, a partir de *Ritmo Dissoluto*, talvez o mais feliz incorporador de motivos e termos prosaicos à literatura brasileira.

Manuel Bandeira

- Assim, Manuel Bandeira serviu-se tanto da influência vanguardista do século XX quanto das formas clássicas da lírica ocidental e acabou criando uma obra singular no contexto da literatura brasileira. Com seu estilo simples consegue captar a complexidade da existência com recursos de expressão aparentemente humildes. Sua capacidade de "reduzir tudo ao essencial", utilizando apenas algumas poucas palavras, é extraordinária. Essa síntese expressiva se dá mediante uma linguagem coloquial que em momento algum empobrece ou vulgariza os poemas.

Manuel Bandeira

- Entretanto, na simplicidade estilística da obra de Bandeira e na “espontânea naturalidade” de seus versos oculta-se uma sofisticada visão da vida pessoal e do mundo. Assim, eliminados os resíduos simbolistas e parnasianos de *A cinza das horas* e *Carnaval*, enquadra-se na vertente mais profunda do espírito modernista, aquela em que se processa uma fusão entre a confissão pessoal e a vida cotidiana.

Manuel Bandeira

- Nos poemas de Bandeira predomina o lirismo do “EU”, mas o cotidiano jamais desaparece deles. Por isso seus versos não revelam apenas a visão interior (subjetiva) ou a simples fotografia realista do mundo. O que ele consegue de fato realizar é uma síntese feliz de subjetividade (o eu) e objetividade (a realidade). E os temas mais comuns em sua obra são: o desejo insatisfeito, o amor e o erotismo, a evocação da infância, a tristeza da vida, a solidão, a morte, a angústia existencial, o cotidiano, a temática social, família, entre outros.

Manuel Bandeira

Em toda a sua trajetória poética Bandeira nos mostra a preocupação com a constante busca por novas formas de expressão. **Em seu livro de estréia, *"A cinza das horas"* temos poemas classificados como parnasiano-simbolistas. Já em *"Carnaval",* 1919, e *"O ritmo dissoluto",* 1924, percebermos que o poeta vai mais e mais se engajando com os ideais modernistas.** Em ***"Carnaval"*** temos ainda o início da libertação das formas fixas e a opção pela liberdade formal, que se tornaria uma das marcas registradas de sua poesia. **Em 1930, com a publicação de *"Libertinagem"* temos um poeta totalmente integrado ao espírito modernista.**

Manuel Bandeira

A oposição entre uma natureza apaixonada que aspirava a plenitude, e o exílio em que a doença o obrigara a viver, marcaram profundamente a sua sensibilidade, traduzindo-se, no plano estrutural, pelo gosto das antíteses, dos paradoxos, dos contrastes violentos; no plano emocional, por um movimento polar, uma oscilação constante que, no decorrer da obra, vai alternar a atitude de serenidade melancólica e o sentimento de revolta impotente.

Manuel Bandeira

A permanente consciência da morte, a luta contra ela, a convivência com sua presença - fazedoras de ausências - transformam-se poeticamente numa descoberta essencial de vida, numa valorização intensa da existência mais cotidiana, redescoberta como única, irrepetível, insubstituível. Não é possível separar a experiência de vida da experiência poética do autor de *Pasárgada*, embora sua poesia - de uma universalidade intensa, ardente e simples - não possa ser reduzida a acontecimentos biográficos, que se revelam matrizes de imagens, de emoções, de ritmos, transfigurados na alquimia da criação.

Manuel Bandeira

O critico Alfredo Bosi, em sua História Concisa da Literatura Brasileira, escreve:” [...] veremos que a presença do biográfico é ainda poderosa mesmos nos livros de inspiração absolutamente moderna, como *Libertinagem*, núcleo daquele seu *não-me-importismo* irônico, e, no fundo, melancólico, que lhe deu uma fisionomia tão cara aos leitores jovens desde 1930. O adolescente mal curado da tuberculose persiste no adulto solitário que olha de longe o carnaval da vida e de tudo faz matéria para os ritmos livres do seu obrigado distanciamento.”

Manuel Bandeira

A sua obra, escrita ao longo de mais de meio século, atravessa praticamente toda a história do Modernismo no Brasil e apresenta muitos dos mais expressivos livros da poesia moderna, como *Ritmo dissoluto, Libertinagem, Estrela da manhã* e outros.

Manuel Bandeira

Não participa diretamente da Semana de Arte Moderna de 1922, mas o seu poema *Os sapos*, paródia contundente dos parnasianos, provoca um dos momentos de maior escândalo, ao ser lido por Ronald de Carvalho, no Teatro Municipal de São Paulo, no dia 15 de fevereiro: o de maior polêmica de toda a Semana.

Manuel Bandeira

A partir de então, não é possível pensar a poesia moderna no Brasil sem a presença de Bandeira, que atravessará todas as chamadas fases do Modernismo, com uma produção poética do mais alto nível. Já na fase vanguardista, de 1922, em que a ruptura com o passado e com as estruturas estabelecidas era a mais vital palavra de ordem, Mário de Andrade chamava o poeta de *S. João Batista do Modernismo*, reconhecendo o seu papel de anunciador da nova poesia.

Manuel Bandeira

Os poemas de Bandeira nascem e crescem dos acontecimentos mais cotidianos, mais comuns, dos momentos que, aparentemente, são banais e insignificantes. Do dia-a-dia mais desapercebido desentranha sua poesia, em que instantes da existência aparecem transfigurados em pura essencialidade da vida.

Manuel Bandeira

Detalhes prosaicos e perdidos na rotina descolorida dos dias revelam-se instantes de iluminação, instantes de transcendência e de proximidade da essência mais profunda - e mais simples - da vida. O grande milagre da existência, a mais cotidiana, que a consciência da morte revelará como algo intenso, único, irrepetível.

Manuel Bandeira

Sua linguagem coloquial, despojada, atinge um dos momentos mais expressivos da língua: grande intensidade, grande condensação, com imensa simplicidade. Ao lado de Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira é o grande incorporador do prosaico e do coloquial na poesia brasileira moderna.

Manuel Bandeira

Ao mesmo tempo, em unidade indissociável, a obra de Bandeira representa a mais longa convivência com a morte, de toda a poesia brasileira. Sem ser dominado pelo desespero, sem ser possuído pelo medo, sem dramatizações retóricas. Com amadurecida amargura. Com ironia e auto-ironia melancólicas. Com sofrida serenidade. Com nostalgia da vida que poderia ter sido e que não foi.

Manuel Bandeira

A morte é companhia constante de muitos anos, interlocutora secreta que, paradoxalmente, revela o valor absoluto de cada dia, de cada pessoa, de cada coisa. A sabedoria da morte - quando se descobre que não apenas os outros morrem - transforma-se, como em muitas correntes filosóficas, em sabedoria de vida. A importância da existência, de cada um: simples, essencial, passageira. E a morte também pode ser milagre.

Manuel Bandeira

Bandeira é poeta da mais intensa ternura. De ardor terno e intenso pela vida. Uma sensibilidade moderna, não grandiloqüente. Ternura melancólica pela infância perdida, e por seus personagens. Ternura ardente pelo corpo. A sua poesia amorosa revela-se como ardente lírica erótica. Poesia do corpo, de grande intensidade. Imagens eróticas que se tornam experiências sagradas, transcendentalizadas, tal a naturalidade, o ardor e a intensidade da ternura. O físico se funde com o onírico, terna e desconcertantemente.

Manuel Bandeira

Além disso, revela-se um dos mais versáteis e flexíveis fazedores de versos do modernismo brasileiro. Suas estruturas de métrica e de ritmo vão desde as mais libertárias experiências de verso livre, dos fluxos mais soltos e irregulares até as estruturas mais tradicionais, de verso em redondilhas da lírica medieval, dos versos decassílabos clássicos e neoclássico e outros combinados com variadas formas fixas de estrófica regular, como sonetos, canções etc. Um fazedor de versos e estrofes extremamente versátil, com raro domínio técnico e com grande erudição, capaz de traduzir de várias línguas, e de escrever à moda de, imitando estilos, os mais diversos textos e autores.

Manuel Bandeira

Manuel Bandeira é também expressivo criador de imagens, com igual e desconcertante simplicidade. Nas constelações de imagens dos seus poemas percebemos um movimento oposto e complementar: por um lado, o cotidiano aparece transfigurado, instante de iluminação, com aura de símbolo transcendente, e, por outro lado, o desconhecido, o misterioso, o onírico (o surreal) aparecem configurados familiarmente, tornados próximos e confidentes, tornados íntimos do dia-a-dia.

Manuel Bandeira

- Embora pressentisse a chegada da morte a qualquer instante e vivesse cada dia apaixonadamente, como se fosse o último, Bandeira viveu 82 anos, e sua obra é um rico testemunho da poesia brasileira do século XX, envolvendo criações que vão de um pós-Parnasianismo e de um pós-Simbolismo às experiências concretistas das décadas de 1950 e 1960. Por fim, é necessário frisar que o poeta conviveu longa e intimamente com o melhor do que lhe poderia dar a literatura de todos os tempos e países. Havendo ainda muito o que aprender em seus ensaios sobre nossos poetas.

Manuel Bandeira

ESTRELA DA VIDA INTEIRA, MANUEL BANDEIRA

Livros & Poemas:

(A) A cinza das horas:

1. “Desencanto”
2. “Poemeto irônico”
3. “Enquanto a chuva cai”

(B) Carnaval:

4. “Bacanal”
5. “Os sapos”
6. “Arlequinada”

(C) O ritmo dissoluto:

7. “Meninos carvoeiros”
8. “Na rua do sabão”
9. “Berimbau”

(D) Libertinagem:

10. “Não sei dançar”
11.”Pneumotórax”
12. “Poética”
13. “Porquinho-da-índia”
14. “Evocação do Recife”
15. “Poema tirado de uma notícia de jornal
16. “Teresa”
17. “Profundamente”
18. “Vou-me embora pra passargada”

Professora
Ana Cristina Ribeiro Pereira

Manuel Bandeira

(E) Estrela da manhã:

19. “Estrela da manhã”
20. “Balada das três mulheres do sabonete Araxá”
21. “Momento num café”
22. “Trem de ferro”

(F) Lira dos cinqüent`anos:

23. “Última canção do beco”
24. “Belo belo”

(G) Belo belo:

25. “O bicho”
26. “Arte de amar”

(H) Opus 10:

27. “Consoada”

(I) Estrela da tarde:

28. “Mal sem mudança”
29. “Poema do mais triste maio”
30. “Azulejo”
31. “Rosa tumultuada”
32. “A onda”

(J) Mafuá do malungo:

33. “Carlos Drummond de Andrade”
34. “Auto-retraro”
35. “Casa Grande & Senzala”

A cinza das horas
(1917)

- **Primeiro livro de Manuel Bandeira, *A Cinza das Horas,* é marcado pelo tom fúnebre, e traz poemas parnasiano-simbolistas. São poesias compostas durante o período em que sua doença, a tuberculose, se agrava. Do ano em que o poeta adoece até 1917, quando publica *A Cinza das Horas*, é que se daria a etapa decisiva e a inusitada gestação de um dos maiores escritores da língua portuguesa.**

Manuel Bandeira

O livro de estréia de Manuel Bandeira – *A Cinza das Horas* (1917) – é repleto de poemas de um lirismo melancólico e que remetem a temas como a espera da morte, a frustração, a resignação de quem espera o fim, o sofrimento, a angústia, a tristeza, etc. O poema *"Desencanto",* por exemplo, é um metapoema que descreve o ato de fazer poesia como uma espécie de "válvula de escape", como um desabafo de um ser que sofre e espera a morte.

O tema do poema (Desencanto) é a poesia como desabafo, como expressão do sofrimento de quem espera a morte. Um recorte intertextual pode nos mostrar que a espera da morte, a frustração, a resignação de quem espera o fim, etc, eram assuntos constantes na obra de Bandeira, principalmente nos primeiros livros.

Manuel Bandeira

O sujeito do poema (Desencanto) apenas espera a morte, uma vez que falta a esperança. Ele também se mostra aflito e resignado ao declarar que sua vida é sem fim e sem objeto. O sujeito aqui é um sujeito em falta, em disjunção com qualquer objeto, o que configura um estado de espera tensa (*dói viver quando falta a esperança*).

Manuel Bandeira

Desencanto

Eu faço versos como quem chora
De desalento , de desencanto
Fecha meu livro se por agora
Não tens motivo algum de pranto

Meu verso é sangue , volúpia ardente
Tristeza esparsa , remorso vão
Dói-me nas veias amargo e quente
Cai gota à gota do coração.

E nesses versos de angústia rouca
Assim dos lábios a vida corre
Deixando um acre sabor na boca

Eu faço versos como quem morre.

Manuel Bandeira

Poemeto Irônico

O que tu chamas tua paixão,
É tão somente curiosidade.
E os teus desejos ferventes vão
Batendo as asas na irrealidade...

Curiosidade sentimental
Do seu aroma, da sua pele.
Sonhas um ventre de alvura tal,
Que escuro o linho fique ao pé dele.

Dentre os perfumes sutis que vêm
Das suas charpas, dos seus vestidos,
Isolar tentas o odor que tem
A trama rara dos seus tecidos.

Encanto a encanto, toda a prevês.
Afagos longos, carinhos sábios,
Carícias lentas, de uma maciez
Que se diriam feitas por lábios...

Tu te perguntas, curioso, quais
Serão seus gestos, balbuciamento,
Quando descerdes nas espirais
Deslumbradoras do esquecimento...

E acima disso, buscas saber
Os seus instintos, suas tendências...
Espiar-lhe na alma por conhecer
O que há sincero nas aparências.

E os teus desejos ferventes vão
Batendo as asas na irrealidade...
O que tu chamas tua paixão
É tão-somente curiosidade.

Manuel Bandeira

Enquanto a Chuva Cai

O ar fica mole...
Indistinto... ambarino... gris...
E no monótono matiz
Da névoa enovelada bole
A folhagem como o bailar.

Torvelinhai, torrentes do ar!

Cantai, ó bátega chorosa,
As velhas árias funerais.
Minh'alma sofre e sonha e goza
À cantilena dos beirais.
Meu coração está sedento
De tão ardido pelo pranto.
Dai um brando acompanhamento
À canção do meu desencanto.

Volúpia dos abandonados...
Dos sós... - ouvir a água escorrer,
Lavando o tédio dos telhados
Que se sentem envelhecer...

Ó caro ruído embalador,
Terno como a canção das amas!
Canta as baladas que mais amas,
Para embalar a minha dor!

A chuva cai. A chuva aumenta.
Cai, benfazeja, a bom cair!
Contenta as árvores! Contenta
As sementes que vão abrir!

Eu te bendigo, água que inundas!
Ó água amiga das raízes,
Que na mudez das terras fundas
Às vezes são tão infelizes!

E eu te amo! Quer quando fustigas
Ao sopro mau dos vendavais
As grandes árvores antigas,
Quer quando mansamente cais.

É que na tua voz selvagem,
Voz de cortante, álgida mágoa,
Aprendi na cidade a ouvir
Como um eco que vem na aragem
A estrugir, rugir e mugir,
O lamento das quedas-d'água!

Manuel Bandeira

A cinza das horas

A cinza das horas revela a poesia de um angustiado que procura a consolação no amor e na paisagem onde a inteligência se dispersa na retenção de modalidades impressivas:

“– As grandes mãos da sombra evangélicas pensam

as feridas que a vida abriu em cada peito”

Manuel Bandeira

A cinza das horas

uma consolação abstrata cheia de vagas incertezas e tristes pressentimentos,

“Até que te surpreenda a carne dolorida / aquela sensação final de eterno frio, / Abre-te à luz do sol que à alegria convida, / E enche-te de canções, ó coração vazio”

mal percebida nas vozes simultâneas que vêm da sombra.

Um carneiro bale ./ Ouvem-se pios funerais / Os tanoeiros do brejo/ Malham nos aguaçais.

Manuel Bandeira

A cinza das horas

“E o luar úmido... fino...

Amávio... tutelar...

Anima e transfigura a solidão cheia de vozes”

Entrevista numa esperança de cura.

“E tudo isto vem de vós, Mãe Natureza!

Vós que cicatrizais minha velha ferida.”

Manuel Bandeira

A cinza das horas

Assim como a natureza com o enternecido encanto dos rumores distantes e a música misteriosa das águas, o Amor também lhe proporciona momentos de verdadeiro conforto espiritual e neste sentido todos os poemas, ferindo a mesma nota melancólica, estão repassados de uma ternura inconfundível "bendizendo o amor que Deus lhe deu" como um "dom sagrado, o "único para o seu coração" e de uma freqüente e saudosa lembrança do tempo de menino, falando da esperança como a "ama de todos os mortais", notando que "ainda perdura no coração da irmã o seu afeto de criança", sentindo sangrar tudo que há nele de infantil quando escreve aquela *Elegia para minha mãe*.

Manuel Bandeira

A cinza das horas

Nem sempre, porém, o poeta alcança este contentamento, este alívio triste e vago. Assim, por vezes confundindo a lembrança das afeições mais caras ao ambiente que o envolve, enche-se de desânimo, julga-se desamparado e esquecido, fala com repugnância do passado e da saudade, odeia a solidão e o silêncio:

"O tempo... Horas de horror e tédio da memória.

Ah! Quem mo reduzira ao minuto que passa."

Manuel Bandeira

A cinza das horas

Ou, abandonando a sua grande sensibilidade interior, se apraz em fazer ironia, num esforço difícil de se tornar alegre, e escreve *O luar inútil*, *Poemeto irônico*. No entanto, este humorismo não consegue esconder a dolorosa mágoa que domina e freqüenta a grande alma contemplativa que ele possui e sente vibrar no segredo harmonioso da vida. Trata-se, portanto, de um livro de fina espiritualidade, de vivo contacto amoral com a natureza, flor estranha de graça e de amor.

Manuel Bandeira

Carnaval
(1919)

- *Carnaval*, que virá logo após de *A cinza das horas*, abre com o imprevisível: a evocação báquica e, em alguns momentos, satânica do carnaval, mas termina em plena melancolia. Essa hesitação entre o júbilo e a dor articular-se-á nas mais diversas dimensões figurativas.

Manuel Bandeira

Bacanal

Quero beber! cantar asneiras
No esto brutal das bebedeiras
Que tudo emborca e faz em caco...
Evoé Baco!

Lá se me parte a alma levada
No torvelim da mascarada.
A gargalhar em doudo assomo...
Evoé Momo!

Lacem-na toda, multicores
As serpentinas dos amores,
Cobras de lívidos venenos...
Evoé Vênus!

Se perguntarem: Que mais queres,
Além de versos e mulheres?...
- Vinhos!... o vinho que é meu fracco!...
Evoé Baco!

O alfanje rútilo da lua,
Por degolar a nuca nua
Que me alucina e que eu não domo!...
Evoé Momo!

A Lira etérea, a grande Lira!...
Por que eu extático desfira
Em seu louvor versos obscenos.
Evoé Vênus!

Manuel Bandeira

Carnaval

A ânsia de alegria ardentemente desejada que podemos notar no primeiro livro de Bandeira, se desenvolve e amplia no segundo, *Carnaval*, onde na posse de uma maior liberdade técnica (notam-se nele muitos versos inteiramente livres) descreve com certa impetuosidade o amor material, viciado, diabólico; num desejo fremente de abafar e ocultar a sua alma dolorida e desalentada.

Manuel Bandeira

Carnaval

Vestido de Pierrot, a cara pintada de bistre (castanho-amarelada = o roxo das olheiras), desejando, querendo ser alegre, o poeta não faz do seu *Carnaval* uma festa da alegria coletiva, expansão vertiginosa das multidões que se deslocam e se embaralham num desejo de mútua penetração, numa necessidade de sentimento unânime, alegria que se goza a hora marcada, sem evocações e sem lembranças, vagando à superfície das sensações brutas, à sorte dos imprevistos e da aventura, alegria de paixões instantâneas e entusiasmos efêmeros.

Manuel Bandeira

Carnaval

Este *Carnaval*, que daria a um poeta mais dominado pelas impressões diretas um poema de ação simultânea e geral, tem um caráter fragmentário e analítico, apanhado na complexidade da vida cotidiana; é a história trágica diurna e noturna de todos os vícios e de todas as nevroses, é a sua própria ilusão da alegria; prazeres artificiais, almas postiças, máscaras sombrias dos decadentes e degenerados. E isto é escrito e sentido de tal forma sutil que muitas composições do livro parecem fugir a esta perspectiva, tão, aparentemente, dispersiva é a natureza dos assuntos.

Manuel Bandeira

Carnaval

O soneto *Verdes mares* é um flagrante carnavalesco, carnavalescas são a *Vulgívaga* e ironia eterna de *Menipo*. A morte fantasia-se de dama branca e aparece sorrindo ao poeta, corporizando a imagem subjetiva de uma grande dor sofrida, guardada por muitos anos na memória, conservada com a força de uma superstição cristalizada na memória.

Manuel Bandeira

Carnaval

Carnaval (...) da vida cotidiana, alegria mentirosa, refúgio das almas simples e ingênuas, Pierrot, Pierrete, Colombina e Arlequim, eterna e monótona ironia da Felicidade.

Manuel Bandeira

Carnaval

Carnaval sem multidão, sem música barulhenta, ruidosa, estonteante, *Carnaval* que ele pesquisou na sua vida interior como bem confessa no último trabalho do livro. A criação mística de Pierrot não teve poder expressivo para explicar a liturgia, a religiosidade dos gestos, das danças, das fisionomias, das gentes que vão de noite como em procissão pelas ruas, satisfeitas porque conseguiram ser alegres, à luz das lâmpadas que enlividescem os rostos cansados, ao som do batuque bárbaro dos ranchos e cordões, vestidas de todas as cores como numa volúpia de liberdade, da liberdade de se criar um tipo próprio e isolado, livre das leis da moda, livre dos costumes prosaicos de todos os dias.

Manuel Bandeira

Carnaval
O Pierrot

Pierrot neste livro é um símbolo estranho, um símbolo de fé, de esperança, de humildade, é o homem vencido, desprezado, marginalizado, cujas aspirações se abismam, que se deixa empolgar pelos vícios ruinosos, mas, subitamente, reintegrado na vida sedutora, surge como homem forte para a luta, diante do destino.

Ele que estava de rastros

Pula e tão alto se eleva

Como se fosse na treva

Romper a esfera dos astros!..

Manuel Bandeira

Arlequinada

Que idade tens, Colombina?
Será a idade que pareces?...
Tivesses a que tivesses!
Tu para mim és menina.

Que exíguo o teu talhe! E penso:
Cambraia pouca precisa:
Pode ser toda num lenço
Cortada a tua camisa...

Teus seios têm treze anos.
Dão os dois uma mancheia...
E essa inocência incendeia,
Faz cinza de desenganos...

O teu pequenino queixo
- Símbolo do teu capricho –
É dele que mais me queixo,
Que por ele assim me espicho!

Tua cabeleira rara
Também ela é de criança:
Dará uma escassa trança,
Onde eu mal me estrangulara!

E que direi do franzino,
Do breve pé da menina?...
Seria o mais pequenino
No jogo da pampolina...

Infantil é teu sorriso.
A cabeça, essa é de vento:
Não sabe o que é pensamento
E jamais terá juízo...

Crês tu que os recém-nascidos
São achados entre as couves?...
Mas vejo que os teus ouvidos
Ardem... Finges que não
ouves...

Perdão, perdão, Colombina!
Perdão, que me deu na telha
Cantar em medida velha
Teus encantos de menina...

Manuel Bandeira

Os Sapos

Enfunando os papos,
Saem da penumbra,
Aos pulos, os sapos.
A luz os deslumbra.

Em ronco que aterra,
Berra o sapo-boi:
- "Meu pai foi à guerra!"
- "Não foi!" - "Foi!" - "Não foi!".

O sapo-tanoeiro,
Parnasiano aguado,
Diz: - "Meu cancioneiro
É bem martelado.

Vede como primo
Em comer os hiatos!
Que arte! E nunca rimo
Os termos cognatos.

O meu verso é bom
Frumento sem joio.
Faço rimas com
Consoantes de apoio.

Vai por cinquüenta anos
Que lhes dei a norma:
Reduzi sem danos
A fôrmas a forma.

Clame a saparia
Em críticas céticas:
Não há mais poesia,
Mas há artes poéticas..."

Urra o sapo-boi:
- "Meu pai foi rei!"- "Foi!"
- "Não foi!" - "Foi!" - "Não foi!".

Brada em um assomo
O sapo-tanoeiro:
- A grande arte é como
Lavor de joalheiro.

Ou bem de estatuário.
Tudo quanto é belo,
Tudo quanto é vário,
Canta no martelo".

Outros, sapos-pipas
(Um mal em si cabe),
Falam pelas tripas,
- "Sei!" - "Não sabe!" - "Sabe!".

Longe dessa grita,
Lá onde mais densa
A noite infinita
Veste a sombra imensa;

Lá, fugido ao mundo,
Sem glória, sem fé,
No perau profundo
E solitário, é

Que soluças tu,
Transido de frio,
Sapo-cururu
Da beira do rio...

OS SAPOS

Não há dúvida do caráter metalingüístico desse texto, que procura discutir como a poesia não deveria ser. O poema se inicia com uma cena em que alguns sapos *saem da penumbra* e se põem a conversar. Tomam a palavra o *sapo-boi*, o *sapo-tanoeiro*, o *sapo-pipa* – metáforas para o que podemos chamar de "tipos" de poetas.

Manuel Bandeira

OS SAPOS

A metade das estrofes do poema representa a fala do *sapo-tanoeiro* (*parnasiano aguado*), que passa a descrever o seu cancioneiro, a sua poética. Durante essa fala são descritos preceitos da poética parnasiana. Por fim, a situação descrita é a do *sapo-cururu*, que se destaca dos demais (*longe dessa grita* (...) *l e solitário é*) e pode ser visto como o poeta não-parnasiano

Manuel Bandeira

OS SAPOS

Pode-se dizer que a ironia é a grande "chave" para a compreensão do tema de *"Os Sapos",* pois o enunciado (que representa os princípios da escola parnasiana, afirmados pelo sapo-tanoeiro) afirma um tipo de fazer poético que a enunciação (o narrador que se aproxima do sapo-cururu) nega. Com esse procedimento, o texto trata, portanto, de como a poesia não deve ser, euforizando uma poética "livre das amarras", em oposição à poética parnasiana, sugerindo uma ruptura.

Manuel Bandeira

OS SAPOS

A ironia pode, também, ser depreendida pelo tom satírico presente ao longo do texto. A própria figura dos sapos como metáfora dos poetas já causa um certo humor e sugere ao enunciatário (o leitor) que desconfie das afirmações que estão por vir, tomando-as em segundo grau.

Manuel Bandeira

OS SAPOS

Outro elemento que intensifica a ironia é a paródia. Nesse poema, o texto "Profissão de Fé", de Olavo Bilac é parodiado. Tal texto diz: *Imito o ourives quando escrevo*; em "Os Sapos", temos: *A grande arte é como / Lavor de joalheiro.* Sobre esta paródia, o próprio Bandeira escreveu, em *Itinerário de Pasárgada*, o seguinte:

Manuel Bandeira

OS SAPOS

A propósito desta sátira, devo dizer que a dirigi contra certos ridículos do pósparnasianismo. É verdade que nos versos *A grande arte é como / Lavor de joalheiro* parodiei o Bilac da ‘Profissão de fé’ (*Imito o ourives quando escrevo*). Duas carapuças havia, endereçada uma ao Hermes Fontes, outra ao Goulart de Andrade. O poeta das Apoteoses, no prefácio ao livro, chamara a atenção do público para o fato de não haver nos seus versos rimas de palavras cognatas; Goulart de Andrade publicara uns poemas em que adotara a rima francesa com consoante de apoio (assim chamam os franceses a consoante que precede a vogal tônica da rima), mas nunca tendo ela sido usada em poesia de língua portuguesa, achou o poeta que devia alertar o leitor daquela inovação e pôs sob o título dos poemas a declaração entre aspas: “Obrigado à consoante de apoio”.

Manuel Bandeira

OS SAPOS

Na paródia, um outro sentido é construído para a mesma história do texto base. O fato de se comparar o ato de escrever ao trabalho do ourives ou joalheiro é o mesmo nos dois textos, porém eles expressam coisas diferentes em cada um deles. No texto-base, imitar o ourives é uma ação tida como elevada, ao passo que na paródia, essa preocupação é exposta como sendo “ridícula”, sem valor.

Manuel Bandeira

SIMBOLOGIA DOS SAPOS

O *sapo-cururu* figurativiza o poeta não-parnasiano. O tema da negação do parnasianismo é dado pelo percurso figurativo formado por *longe dessa grita*, *lá*, *fugido ao mundo*, *transido de frio*, *sapo-cururu / da beira do rio*, *solitário*. Interessante notar que os sapos escolhidos para figurativizar o poeta parnasiano são tipos menos conhecidos – o que vai ao encontro da prática parnasiana de utilizar palavras pouco comuns. Já o *sapo-cururu* é um tipo bastante conhecido dentro da cultura popular.

Manuel Bandeira

OS SAPOS

- **SIMBOLOGIA DOS SAPOS:**

- **O sapo-tanoeiro, o sapo-boi e o sapo-pipa formam o grupo de poetas parnasianos (ironizados por Bandeira).**

- **O sapo-cururu, alheio aos parnasianos, pode representar o poeta não-parnasiano que não compartilha o mesmo tipo de poesia.**

Manuel Bandeira

O ritmo dissoluto
(1924)

Desse *Carnaval* subjetivo ao *Ritmo Dissoluto*, saindo do realismo artificial, o poeta volta ao espiritualismo de *A cinza das horas*, porém de uma feição diversa, mais comovente, mais suave, cheio de segredos e de confidências, ouvido atento, espreitando os ruídos que vêm de fora, murmúrio d'água, voz de sinos, clamor do mar, como se todas as coisas, a natureza toda sofresse com ele a mesma dor, descobrindo uma música em tudo, sentindo a música do próprio silêncio:

Manuel Bandeira

O ritmo dissoluto

“Do silêncio musical, cheio

De sentido místico e grave,

Ferindo a alma de um enleio

Mortalmente agudo e suave.

Ah, tão suave e tão agudo!

Parecia que a morte vinha...

Era o silêncio que diz tudo

O que a intuição mal adivinha...”

Manuel Bandeira

O ritmo dissoluto

Nos versos deste livro há uma certa religiosidade, uma piedade cristã que afaga, envolve as coisas, que sonoriza todos os ruídos, uma bondade infantil e meiga. Aliás, este sentimento infantil enche as páginas do *Ritmo Dissoluto*, em que o poder emotivo, libertando-se dos velhos moldes da poesia, infunde no poeta uma sensibilidade nova, longe das idéias gerais, das idéias comuns e prudentes da gente grande; é o menino que quer, que sente, que fala, não atende às leis, nem aos conselhos do bom senso adulto e deixa crescer, brilhar a individualidade pelo prazer intuitivo e pela harmonia dos sentidos.

Manuel Bandeira

O ritmo dissoluto

É o pobre menino doente a olhar através da vidraça os balõezinhos que sobem, os pequenos vendedores de carvão, as carroças de leite, os sapos e os vaga-lumes, a observar na rua pequenos detalhes desprezados, quase imperceptíveis como qualquer garoto que se volta para apanhar um objeto insignificante abandonado no chão; esse olhar amoroso para as coisas esquecidas, esse interesse pela ingenuidade dos brinquedos se vêem em *Noite Morta*, *Na Rua do Sabão*, *Meninos Carvoeiros*, *Balõezinhos*.

Manuel Bandeira

O ritmo dissoluto

Com este espírito infantil muitas das poesias de Manuel Bandeira estão impregnadas de uma volúpia de ser triste, de uma satisfação prazente do sofrimento.

“Ah! Esta volúpia amarga de viver, esta “tristeza dos que perderam o gosto de viver” e que em tudo e acima de tudo adoram a vida!”

Manuel Bandeira

O ritmo dissoluto

Antes de adotar a inteira liberdade do verso moderno, de abandonar a rima e a métrica, a poesia de Manuel Bandeira já possuía, desde o primeiro livro, um espírito original e independente, algo de irreconciliável com o estabelecido até então e que lembrava, de alguma forma, a influência do valor intuitivo nas obras artísticas, este valor que levado ao exagero e calçado no "consciente" de Hartman, produziu os poemas de Tristan Tzara, os desenhos de Picabia e, em suma, toda a falange destes incompreensíveis e simpáticos "Dadás".

Manuel Bandeira

O ritmo dissoluto

Há freqüência de trabalho intuitivo na maioria dos seus últimos versos de *O ritmo dissoluto.* E esta intuição caracteriza-se neles pelo particularismo de sua visão infantil, conhecida como é a liberdade, a intransigência e o trabalho meticuloso da observação pitoresca entre os meninos, sem o recurso de idéias eruditas, exprimindo apenas a maneira de ver pessoal, sem o recurso quase sempre ordenado, uniforme e metódico das inteligências cultivadas.

Manuel Bandeira

O ritmo dissoluto

Porém, isto não equivale a dizer que a arte de Manuel Bandeira não tenha método e que a sua inteligência não seja cultivada, apenas que o seu método e a sua cultura não prejudicam a sua interessante faculdade de sentir e não destruíram a sua voluntariosa apreensão infantil. As incoerências notadas nos seus poemas, as oscilações de sentimento, a música opulenta da sua frase, as felizes e novas associações de adjetivos revelam o trabalho conjunto da inteligência e da intuição.

Manuel Bandeira

Meninos carvoeiros

“Meninos Carvoeiros” parece ser um poema sobre a “pequenina, ingênua miséria”, explicitada pelo verso quatorze. Mistura a observação social da pobreza, o desamparo dos carvoeirinhos que apregoam seu produto dentro da madrugada, dia à fora, montados raquíticos (verso onze) nos burros magrinhos e velhos (verso 5), burrinhos descadeirados (verso doze).

Manuel Bandeira

Meninos carvoeiros

A miséria se completa com o pão encarvoado que mordem, mas só ao voltar (verso 17), expandindo-se ainda mais através da velhinha que se dobra (com um gemido) e recolhe para si os restos da miséria, os carvões derrubados no chão, caídos das aniagens velhas e remendadas, mas que são, provavelmente, os únicos que ela terá para aquecê-la, diminuindo, quem sabe, os seus gemidos (versos sete, oito e nove).

Manuel Bandeira

Meninos carvoeiros

A miséria que se alimenta do trabalho miserável e a miséria que depende da própria sorte são alguns dos temas sociais do poema e, mais uma vez, de uma atualidade espantosa e dolorida. O que faz, portanto, com que Bandeira não mencione explicitamente esse texto como parte do olhar social de sua poesia?

Manuel Bandeira

Meninos carvoeiros

Talvez a resposta possa estar assentada no desenvolvimento de um outro dom da poesia bandeiriana, ou seja, enxergar a infância através do olhar ao mesmo tempo emocionado e crítico do adulto, mas compreendendo-a tão de perto e tão intensamente como se a infância fosse um momento cristalizado em si e para si. Esse olhar lírico por sobre a miséria talvez descompense para o poeta o seu aspecto social.

Manuel Bandeira

Meninos carvoeiros

Os carvoeirinhos trabalhadores, essas pequenas crianças que passam a caminho da cidade, apregoando seu produto e tocando os animais com um relho enorme, vão mudando de figura nos últimos versos do poema. Sua miséria inquestionável cede espaço à sua natureza infantil e, assim, ameniza-se em termos : *"Adoráveis carvoeirinhos que trabalhais como se brincásseis",* conclui o eu-lírico no décimo quinto verso, criando uma ambigüidade de interpretação:

Manuel Bandeira

Meninos carvoeiros

os carvoeirinhos trabalham com a facilidade, a espontaneidade com a qual estariam brincando, ou trabalham como se brincassem porque o trabalho é sua real, e quase única, brincadeira? Talvez as duas coisas. Os carvoeirninhos, quando voltam, vêm instalados nos animais de carga, ou *“encarapitados nas alimárias”.*

Manuel Bandeira

Meninos carvoeiros

A alegria , contudo, desaparece em uma segunda leitura do último verso, deflagrada pelo substantivo “espantalhos”, adjetivado “desamparados”. Ao mesmo tempo em que dançam e bamboleiam, talvez por brincadeira, esses dois atos remetem novamente à sua miséria raquítica e de roupas remendadas, troteando um pouco trôpegos e sem firmeza pelo andar das bestas, por sua vez magrinhas e descadeiradas, metaforizados como espantalhos, remendados e desconjuntados, desamparados, como se nos afigura ser um espantalho, devido à natureza intrínseca de sua função.

Manuel Bandeira

Meninos carvoeiros

O poema fecha, dessa forma, seu ciclo de miséria, enriquecido pela sugestão lírica da infância. A crermos na análise sugerida, indica-nos a presença do flagrante olhar do poeta sobre a questão social que recorta, miúda por um lado, a miséria dos carvoeirinhos e da velhinha que se dobra com um gemido, mas gigantesca, ao mesmo tempo, se a relacionamos a todas as outras misérias sociais e suas causas, miséria ainda a gravada pela fragilidade dos seres que a visão do eu-lírico encerra no poema: as duas pontas da vida, a infância e a velhice.

Meninos carvoeiros

Os meninos carvoeiros
Passam a caminho da cidade.
— Eh, carvoero!
E vão tocando os animais com um relho enorme.

Os burros são magrinhos e velhos.
Cada um leva seis sacos de carvão de lenha.
A aniagem é toda remendada.
Os carvões caem.

(Pela boca da noite vem uma velhinha que os recolhe, dobrando-se com um gemido.)

— Eh, carvoero!
Só mesmo estas crianças raquíticas
Vão bem com estes burrinhos descadeirados.
A madrugada ingênua parece feita para eles . . .
Pequenina, ingênua miséria!
Adoráveis carvoeirinhos que trabalhais como se brincásseis!

—Eh, carvoero!

Quando voltam, vêm mordendo num pão encarvoado,
Encarapitados nas alimárias,
Apostando corrida,
Dançando, bamboleando nas cangalhas como espantalhos desamparados.

Manuel Bandeira

Na rua do sabão

Cai cai balão
Cai cai balão
Na Rua do Sabão!
O que custou arranjar aquele balãozinho de papel!
Quem fez foi o filho da lavadeira.
Um que trabalha na composição do jornal e tosse muito.
Comprou papel de seda, cortou-o com amor, compôs os gomos oblongos...
Depois ajustou o morrão de pez ao bocal de arame.
Ei-lo agora que sobe — pequena coisa tocante na escuridão do céu.
Levou tempo para criar fôlego.
Bambeava, tremia todo e mudava de cor.
A molecada da Rua do Sabão
Gritava com maldade:
Cai cai balão!
Subitamente, porém, entesou, enfunou-se e arrancou das mãos que o tenteavam.
E foi subindo...
para longe...
serenamente...
Como se o enchesse o soprinho tísico do José.
Cai cai balão!
A molecada salteou-o com atiradeiras
assobios
apupos
pedradas.
Cai cai balão!
Um senhor advertiu que os balões são proibidos pelas posturas municipais.
Ele, foi subindo...
muito serenamente...
para muito longe...
Não caiu na Rua do Sabão.
Caiu muito longe... Caiu no mar — nas águas puras do mar alto.

Berimbau

Os aguapés dos aguaçais
Nos igapós dos Japurás
Bolem, bolem, bolem.
Chama o saci: - Si si si si!
- Ui ui ui ui ui! Uiva a iara
Nos aguaçais dos igapós
Dos Japurás e dos Purus.

A mameluca é uma maluca.
Saiu sozinha da maloca -
O boto bate - bite bite...
Quem ofendeu a mameluca?
- Foi o boto!
O Cussaruim bota quebrantos.
Nos aguaçais os aguapés
- Cruz, canhoto! -
Bolem ... Peraus dos Japurás
De assombramentos e de espantos!...

Manuel Bandeira

LIBERTINAGEM
(1930)

Libertinagem **é composto por 38 poemas, sendo dois em francês. É nesta obra que Bandeira configura-se como um autor verdadeiramente modernista, quer nos temas, quer na forma.**

Manuel Bandeira

LIBERTINAGEM

Os TEMAS são os mais variados, tais como:

— A infância, as pessoas ligadas a ela e sua cidade natal, que servem de refúgio ao "eu-lírico" (poeta descontente e infeliz); esses elementos aparecem como consolação (alívio) de sua dor no presente.

Poemas: ***O Anjo da Guarda, Porquinho-da-Índia, Evocação do Recife, Profundamente, Irene no Céu, O Impossível Carinho, Poema de Finados*.**

Manuel Bandeira

LIBERTINAGEM

— Imagens brasileiras, que evocam lugares, tipos populares e a própria linguagem coloquial do Brasil, transformando o cotidiano em matéria poética.

Poemas: ***Mangue, Evocação do Recife, Lenda Brasileira, Cunhantã, Camelôs, Belém do Pará, Poema tirado de uma notícia de jornal, Macumba de Pai Zusé* e *Pensão Familiar.***

Manuel Bandeira

LIBERTINAGEM

— Anseio de liberdade vital, onde o “eu-lírico” (poeta melancólico, solitário e irônico) extravasa seus ideais libertários quer de sentimentos e desejos vitais, quer estéticos.

Poemas: ***Não sei dançar, Na boca, Vou-me embora pra Pasárgada, Poética, Comentário Musical* e *O Último Poema.***

Manuel Bandeira

LIBERTINAGEM

— Visão desiludida e irônica da vida, mostrando uma melancolia profunda que gera, às vezes, uma visão surrealista com final inesperado ou um desejo de mudança.

Poemas: ***Não sei dançar, O Cacto, Pneumotórax, Comentário Musical, Chambre Vide, Banheur Lyrigue, Poema tirado de uma notícia de jornal, A Virgem Maria, O Major, Oração a Terezinha do Menino Jesus, Andorinha, Noturno da Parada Amorim, Noturno da Rua da Lapa, O Impossível Carinho, Poema de Finados*** **e** ***O Último Poema.***

LIBERTINAGEM

— Amorosos, ora apresentando sentimentos puros e inocentes, ora apresentando imagens femininas eróticas.

Poemas: ***Mulheres, Porquinho-da-Índia, Tereza, Madrigal tão engraçadinho, Na Boca* e *Palinódia.***

Manuel Bandeira

LIBERTINAGEM

Em relação à FORMA, Bandeira não emprega nenhuma métrica padrão, variando da redondilha maior em *Vou-me embora pra Pasárgada* até versos de dezessete sílabas poéticas como em *Namorados*; dentro de um mesmo poema percebem-se inúmeras variações.

Manuel Bandeira

LIBERTINAGEM

Há em alguns textos a preocupação com a disposição gráfica, como em *Evocação do Recife*. Tal preocupação não é revelada em relação à rima, porém sua maior expressão está na força da palavra. Esta é coloquial, cotidiana, mas empregada com brilhantismo, não desprezando seu aspecto sonoro, o que acaba por fornecer ao poema um ritmo pessoal e harmonioso que, somado à emoção, assemelha-se a uma canção.

LIBERTINAGEM
(1930)

- **LIBERTINAGEM é, segundo Mário de Andrade, um livro de cristalização. Não da poesia de Manuel Bandeira, pois este livro confirma a grandeza de um dos nossos maiores poetas, mas da psicologia dele. É o livro mais indivíduo Manuel Bandeira de quantos o poeta já publicou.**

Manuel Bandeira

LIBERTINAGEM

- **Aliás, também nunca ele havia atingindo com tanta nitidez os seus ideais estéticos, como na confissão que surge nos versos de *Poética:***

"Estou farto do lirismo comedido

Do lirismo bem comportado

.....

- Não quero mais saber do lirismo que não é libertação"

Manuel Bandeira

LIBERTINAGEM

- **Essa cristalização de Manuel Bandeira se nota muito particularmente pela rítmica e escolha dos detalhes ocasionadores do estado lírico. Ou seja, sua rítmica acabou se parecendo com o seu físico. Raro uma doçura franca de movimento. Ritmo todo de ângulos, incisivo, em versos espetados, entradas bruscas, sentimentos em lascas, gestos quadrados, nenhuma ondulação, sem a cadência oratória da frase.**

Manuel Bandeira

LIBERTINAGEM

- **Para Mário de Andrade, Manuel Bandeira era um poeta tipográfico, dono de uma poesia que dispensa o som. É poesia para leitura. Observe a aspereza rítmica dum dos poemas mais suaves do livro, como os versos são “intratáveis”, incapazes de se encaixar uns nos outros pra criar a entrosagem dum qualquer embalanço:**

Manuel Bandeira

Porquinho-da-Índia

Quando eu tinha seis anos
Ganhei um porquinho-da-índia.
Que dor de coração me dava
Porque o bichinho só queria estar debaixo do fogão!
Levava ele prá sala
Pra os lugares mais bonitos mais limpinhos
Ele não gostava:
Queria era estar debaixo do fogão.
Não fazia caso nenhum das minhas ternurinhas...

- O meu porquinho-da-índia foi minha primeira namorada.

Manuel Bandeira

LIBERTINAGEM

- **A inutilidade do som organizado em movimento é evidente. E o verso final (e mais longo) do poema mostra toda a aspereza rítmica do poeta. Aspereza tanto mais característica que, se estudarmos esse verso pelas suas pausas cadenciais, nos achamos diante dos versos mais suaves da língua: a redondilha e o decassílabo:**

Manuel Bandeira

LIBERTINAGEM

"O meu porquinho-da-índia

(sete sílabas = redondilha)

Foi a minha primeira namorada"

(dez sílabas = decassílabo)

Manuel Bandeira

LIBERTINAGEM

- **Numa poesia emocionante pela simplicidade de expressão, acolhendo mil símbolos fiéis, *"O Cacto"*, o último verso diz bem o ritmo de Bandeira: *"Era belo, áspero, intratável."***
- **Aliás, se dá mesmo uma luta permanente entre essa essência "intratável" do indivíduo Manuel Bandeira e o lírico que tem nele.**

Manuel Bandeira

LIBERTINAGEM

- **Vem disso o dualismo curioso que se percebe nas obras de Bandeira, passando de jogos com valor absolutamente pessoal, duma detalhação por vezes pueril (ingênua, infantil), difícil de compreender ou de sentir com intensidade pra quem não privou com o homem, a concepções profundas, duma beleza extremada e interesse geral.**

Manuel Bandeira

LIBERTINAGEM

- **Interesse em que não entra mais o conhecimento pessoal do poeta, ou coincidência psicológica com ele. As melhores obras do poeta, *"Andorinha", "O Anjo da Guarda", "A Virgem Maria", "Evocação do Recife", "Teresa", "Noturno da Rua da Lapa"*, pra citar apenas o Libertinagem, são as poesias em que por mais pessoais que sejam assuntos e detalhes, mais o poeta se despersonaliza,**

Manuel Bandeira

LIBERTINAGEM

- **mais é toda a gente e menos é característicamente ritmado. A própria *“Evocação do Recife”* que atinge o recesso da família chamada nominalmente (Totônio Rodrigues, Dona Aninha Viegas) é bem a maneira por que toda a gente ama o “lugarinho” natal.**

Manuel Bandeira

Evocação do Recife

A subjetividade, o memorialismo, a infância, o folclore e a cultura popular caracterizam esse famoso poema de Manuel Bandeira. O eu lírico revive cenas do passado, como se fosse menino outra vez. Ao lado das brincadeiras de infância, surgem pessoas com as quais conviveu: parentes, vizinhos, amigos. Até os nomes das ruas eram líricos: Rua da União, do Sol, da Aurora.

Manuel Bandeira

Evocação do Recife

O poema alude ao erotismo, à força das águas, aos pregões e à exaltação do falar popular: "(...) língua errada do povo/ Língua certa do povo".

Manuel Bandeira

Evocação do Recife

O ataque ao artificialismo lingüístico, no tom da primeira geração modernista, está em: "Ao passo que nós/ O que fazemos/ É macaquear/ A sintaxe lusíada." Leia-se por nós, pessoas cultas - escritores, professores, leitores...”

“

Manuel Bandeira

Evocação do Recife

A morte, tema fundamental em Bandeira surge nas últimas estrofes, reforçando que a cidade de Recife de seu passado fora-se como seu avô, restou-lhe apenas a memória.

Manuel Bandeira

Evocação do Recife

Evocar significa chamar de algum lugar, fazer aparecer chamando de certo modo. O “eu-lírico” evoca no presente a Recife de sua infância, através das lembranças, das brincadeiras e canções infantis, dos hábitos de seu povo, de seus tipos humanos com suas falas, das suas ruas e rios. Essa evocação tem um tom melancólico e triste dado pelos últimos versos, em que se percebe que essa Recife de sua infância, que ele pensava que fosse eterna, está tão morta quanto o seu avô e só é revivida na sua memória, daí seu poema ser uma evocação.

Evocação do Recife

Em *Poética* o “eu-lírico” expõe suas idéias sobre como deveria ser um poema modernista, já em *Evocação do Recife* ele faz uma obra prima modernista de acordo com os objetivos propostos.

Manuel Bandeira

Evocação do Recife

O “eu-lírico” descreve não a Recife histórica, libertária, mas a sua amada Recife de infância que lhe evoca um passado feliz, que, no presente, serviria no lenitivo (alívio) para as dores do poeta Bandeira. É, portanto, um poema altamente lírico, isto é, carregado de sentimentos puros e espontâneos como os dos bêbados (*Poética*) e não tirados dos manuais de cartas, mas da observação de fatos cotidianos brasileiros, das brincadeiras, das enchentes e dos pregões dos ambulantes.

Manuel Bandeira

Evocação do Recife

A linguagem é simples, coloquial, pois, segundo o texto, o povo fala gostoso o português do Brasil, que é o empregado no poema. Não há preocupação com rima ou métrica, apenas com a disposição gráfica dos versos e a expressão de um lirismo profundo, de modo a impregnar o presente de sua Recife tão brasileira e inesquecível.

Manuel Bandeira

Evocação do Recife

Recife
Não a Veneza americana
Não a Mauritsstad dos armadores das Índias Ocidentais
Não o Recife dos Mascates
Nem mesmo o Recife que aprendi a amar depois
- Recife das revoluções libertárias
Mas o Recife sem história nem literatura
Recife sem mais nada
Recife da minha infância
A rua da União onde eu brincava de chicote-queimado
e partia as vidraças da casa de dona Aninha Viegas
Totônio Rodrigues era muito velho e botava o pincenê
na ponta do nariz
Depois do jantar as famílias tomavam a calçada com cadeiras
mexericos namoros risadas
A gente brincava no meio da rua
Os meninos gritavam:
Coelho sai!
Não sai!

À distância as vozes macias das meninas politonavam:
Roseira dá-me uma rosa
Craveiro dá-me um botão

(Dessas rosas muita rosa
Terá morrido em botão...)

Manuel Bandeira

De repente
nos longos da noite
um sino
Uma pessoa grande dizia:
Fogo em Santo Antônio!
Outra contrariava: São José!
Totônio Rodrigues achava sempre que era são José.
Os homens punham o chapéu saíam fumando
E eu tinha raiva de ser menino porque não podia ir ver o fogo.

Rua da União...
Como eram lindos os montes das ruas da minha infância
Rua do Sol
(Tenho medo que hoje se chame de dr. Fulano de Tal)
Atrás de casa ficava a Rua da Saudade...
...onde se ia fumar escondido
Do lado de lá era o cais da Rua da Aurora...
...onde se ia pescar escondido
Capiberibe
- Capiberibe
Lá longe o sertãozinho de Caxangá
Banheiros de palha
Um dia eu vi uma moça nuinha no banho
Fiquei parado o coração batendo
Ela se riu
Foi o meu primeiro alumbramento
Cheia! As cheias! Barro boi morto árvores destroços redemoinho sumiu
E nos pegões da ponte do trem de ferro
os caboclos destemidos em jangadas de bananeiras

Manuel Bandeira

Novenas
Cavalhadas
E eu me deitei no colo da menina e ela começou
a passar a mão nos meus cabelos
Capiberibe
- Capiberibe
Rua da União onde todas as tardes passava a preta das bananas
Com o xale vistoso de pano da Costa
E o vendedor de roletes de cana
O de amendoim
que se chamava midubim e não era torrado era cozido
Me lembro de todos os pregões:
Ovos frescos e baratos
Dez ovos por uma pataca
Foi há muito tempo...
A vida não me chegava pelos jornais nem pelos livros
Vinha da boca do povo na língua errada do povo
Língua certa do povo
Porque ele é que fala gostoso o português do Brasil
Ao passo que nós
O que fazemos
É macaquear
A sintaxe lusíada
A vida com uma porção de coisas que eu não entendia bem
Terras que não sabia onde ficavam
Recife...
Rua da União...
A casa de meu avô...
Nunca pensei que ela acabasse!
Tudo lá parecia impregnado de eternidade
Recife...
Meu avô morto.
Recife morto, Recife bom, Recife brasileiro
como a casa de meu avô.

Manuel Bandeira

De fato este salão de sangues misturados parece o Brasil...
Há até a fraçaõ incipiente amarela
Na figua de um japonês.
O japonês também dança maxixe:
Acugêlê banzai!
A filha do usineiro de Campos
Olha com repugnância
Para a crioula imoral.
No entanto o que faz a indecência da outra
É dengue nos olhos maravilhosos da moça.
E aquele cair de ombros...
Mas ela não sabe...
Tão Brasil!

Ninguém se lembra da política...
Nem dos oito mil quilômetros de costa...
O algodão de Seridó é o melhor do mundo... Que me importa?
Não há malária nem moléstia de Chagas nem ancilóstomos.
A sereia sibila e o ganzá do jazz-band batuca.
Eu tomo alegria!

LIBERTINAGEM

- **Outro ponto alto de Libertinagem reside, segundo Mário de Andrade, no poema "Vou-me Embora pra Pasárgada", no momento em que o poeta trata do tema do exílio, da partida – tão caro às gerações anteriores, os românticos, os parnasianos – e funde o lugar comum poético "vou-me embora" com o "estado-de-espírito bem comum entre os nossos poetas contemporâneos."**

Manuel Bandeira

Vou-me Embora pra Pasárgada

A importância desse poema não é simplesmente a redondilha construída à moda do arcadismo, mas no que ele tem de mais representativo da poesia popular. Podemos observar que seus versos são simples sem nenhum esforço artificioso de construção. O poema serve para nos mostrar que o “ir-se embora pra Pasárgada” significa ingressar na vida comum, abandonar-se, ser livre.

Manuel Bandeira

Vou-me Embora pra Pasárgada

A fantasia, o “impossível” das imagens por meio das quais o poeta nos transmite a sua vontade de libertação, não nos deve enganar sobre o seu sentido profundamente humano. O poema tem no ritmo apressado e ofegante, dinâmico e violento dos seus versos o sabor das grandes libertações. O poema também tem seu valor pela musicalidade que ele apresenta. Tanto que Bandeira declarou que nunca a palavra cantou por si, e só com a música pode ela cantar verdadeiramente.

Manuel Bandeira

Vou-me Embora pra Pasárgada

Pasárgada é o mundo em que o poeta não é tísico. É o grande sonho ou a grande esperança que estejam no mais fundo da alma do homem. Pasárgada é o paraíso do poeta. Lá ele tudo poderá. A mulher que desejava amar. Esta é a idéia principal. É a idéia dominante, que se repete em vários versos. A segunda idéia é a da libertação do mal do corpo. O poeta poderá amar à vontade, como praticar todos atos físicos que a saúde lhe veda no mundo real. Tudo que deveria ter feito enquanto criança. O tempo de menino é reconstruído no seu mundo de imaginação.

Manuel Bandeira

Vou-me Embora pra Pasárgada

Em Pasárgada não poderá haver tristeza nem desalento, pois tudo lhe permitiria o seu rei e livre seria o seu corpo para os prazeres do corpo. A importância do poema transcende a realidade de uma vida triste. É a mistura de momentos paradoxais do poeta. Bandeira remete as imagens da infância e da adolescência pré-tísica que vivenciou. O poema fala da boêmia e da saúde. Pasárgada não é apenas espaço físico, mas espaço-tempo em que aparece o Recife da infância do poeta, *"andar de bicicleta, montar em burro brabo, subir no pau-de-sebo, tomar banhos de mar".*

Manuel Bandeira

Vou-me Embora pra Pasárgada

Pasárgada (origem = cidade lendária da antiga Pérsia) não pode ser lida como uma simples palavra que de forma aleatória o poeta resolveu dar vida. O seu significado está além de qualquer dicionário. O seu valor é uma vida inteira que poderia ter sido vivida e que não passou de sofrimento e desejos somente idealizados.

Manuel Bandeira

Vou-me Embora pra Pasárgada

Vou-me embora pra Pasárgada
Lá sou amigo do rei
Lá tenho a mulher que eu quero
Na cama que escolherei
Vou-me embora pra Pasárgada

Vou-me embora pra Pasárgada
Aqui eu não sou feliz
Lá a existência é uma aventura
De tal modo inconseqüente
Que Joana a Louca de Espanha
Rainha e falsa demente
Vem a ser contraparente
Da nora que eu nunca tive

E como farei ginástica
Andarei de bicicleta
Montarei em burro brabo
Subirei no pau-de-sebo
Tomarei banhos de mar!
E quando estiver cansado
Deito na beira do rio

Mando chamar a mãe-d'água
Pra me contar as histórias
Que no tempo de eu menino
Rosa vinha me contar
Vou-me embora pra Pasárgada

Em Pasárgada tem tudo
É outra civilização
Tem um processo seguro
De impedir a concepção
Tem telefone automático
Tem alcalóide à vontade
Tem prostitutas bonitas
Para a gente namorar

E quando eu estiver mais triste
Mas triste de não ter jeito
Quando de noite me der
Vontade de me matar
- Lá sou amigo do rei -
Terei a mulher que eu quero
Na cama que escolherei
Vou-me embora pra
Pasárgada

Manuel Bandeira

Não sei dançar

À primeira vista, percebe-se um poema em versos brancos e livres, em que a estrofação é irregular, notando-se a preocupação gráfica do poeta. O “eu-lírico”, impossibilitado de dançar (“Não sei dançar”), observa o baile carnavalesco tão brasileiro, onde tipos humanos dos mais diversos, como o japonês que mistura idiomas (“acugelê banzai”), a arrumadeira, o ex-prefeito, a filha do usineiro e a crioula imoral mesclam-se num mesmo ambiente, esquecendo-se da situação de seu país.

Manuel Bandeira

Não sei dançar

Assim como alguns empregam drogas para se livrarem da melancolia, o poeta “bebe” a terça-feira gorda que lhe entra pelos olhos. Seu tom é melancólico e irônico, chegando a Amiel, poeta suíço dono de espírito inquieto e ativo que constantemente era paralisado pela sua timidez mórbida, além de Maria, prosadora russa, em cuja obra citada no poema percebe-se a luta e o desespero de seu espírito inquieto e melancólico, tal como o do poeta.

Manuel Bandeira

Não Sei Dançar

Uns tomam etér, outros cocaína.
Eu já tomei tristeza, hoje tomo alegria.
Tenho todos os motivos menos um de ser triste.
Mas o cálculo das probalidades é uma pilhéria...
Abaixo Amiel!
E nunca lerei o diário de Maria Bashkirtseff.

Sim, já perdi, pai, mãe, irmãos.
Perdi a saúde também.
É por isso que sinto como ninguém o ritmo do jazz-band.

Uns tomam etér, outros cocaína.
Eu tomo alegria!
Eis aí por que vim a este baile de terça-feira gorda.
Mistura muito excelente de chás... Esta foi açafata...
- Não, foi arrumadeira.
E está dançando com o ex-prefeito municipal.
Tão Brasil!

Manuel Bandeira

Pneumotórax

Nesse poema, através de formas nitidamente modernistas — versos brancos livres — Bandeira mescla diálogo com frases afirmativas e recursos gráficos, empregando toda sua auto-ironia melancólica. Nele, o "eu-lírico" desabafa no 2º verso todo o seu drama interior. *"A vida inteira que podia ter sido e que não foi".* Isto é, aos desejos frustrados, aos sonhos não realizados do poeta só resta tocar uma canção trágica em homenagem.

Manuel Bandeira

Pneumotórax

Febre, hemoptise, dispnéia e suores noturnos.
A vida inteira que podia ter sido e que não foi.
Tosse, tosse, tosse.

Mandou chamar o médico:
- Diga trinta e três.
- Trinta e três . . . trinta e três . . . trinta e três . . .
- Respire.

.....

- O senhor tem uma escavação no pulmão esquerdo e o pulmão direito infiltrado.
- Então, doutor, não é possível tentar o pneumotórax?
- Não. A única coisa a fazer é tocar um tango argentino.

Manuel Bandeira

Poética

Poética **é a síntese da concepção de um poema moderno do autor, sendo, portanto, metalingüístico. Para o "eu-lírico", um poema não deve seguir regras externas ao "eu" interior do poeta. Ele é contra todas as normas sintáticas, semânticas ou poéticas, numa oposição clara aos poetas parnasianos. Prefere o lirismo, isto é, expressão dos sentimentos do "eu-lírico" livres e espontânea como a dos bêbados e dos clows (palhaços) de Shakespeare.**

Manuel Bandeira

Poética

Estou farto do lirismo comedido
Do lirismo bem comportado
Do lirismo funcionário público com livro de ponto expediente
protocolo e manifestações de apreço ao Sr. diretor.
Estou farto do lirismo que pára e vai averiguar no dicionário
o cunho vernáculo de um vocábulo.
Abaixo os puristas
Todas as palavras sobretudo os barbarismos universais
Todas as construções sobretudo as sintaxes de exceção
Todos os ritmos sobretudo os inumeráveis
Estou farto do lirismo namorador
Político
Raquítico
Sifilítico
De todo lirismo que capitula ao que quer que seja
fora de si mesmo
De resto não é lirismo
Será contabilidade tabela de co-senos secretário do amante
exemplar com cem modelos de cartas e as diferentes
maneiras de agradar às mulheres, etc
Quero antes o lirismo dos loucos
O lirismo dos bêbedos
O lirismo difícil e pungente dos bêbedos
O lirismo dos clowns de Shakespeare

- Não quero mais saber do lirismo que não é libertação.

Manuel Bandeira

Poema tirado de uma notícia de jornal

- **O pequeno *“Poema tirado de uma notícia de jornal”* pressupõe que a poesia possa ser tirada de algo; no caso, inesperadamente, de uma coisa tão cotidiana, prosaica, heterogênea e fugaz como a matéria jornalística. Na sua forma descarnada e breve, feita de versos livres, tão irregulares e discrepantes no perfil, espetados no corpo seco e abrupto – poema só ossos -, de algum modo parece imitar o jornal de onde saiu.**

Manuel Bandeira

Poema tirado de uma notícia de jornal

- **À primeira vista, novidade, brevidade, simplicidade coloquial, clareza e objetividade na apresentação direta e impessoal dos fatos são traços da linguagem jornalística que aí comparecem de forma nítida. A "matéria" toda parece ter passado pela necessária *simplificação* para virar notícia.**

Manuel Bandeira

Poema tirado de uma notícia de jornal

- **A morte inesperada de um pobre-diabo, logo depois de esbaldar-se, tem pela natureza do assunto e dos dados escolhidos, o ar da ocorrência policial que tanto se presta ao sensacionalismo barato, comum em certo tipo de imprensa.**

Manuel Bandeira

Poema tirado de uma notícia de jornal

- **Raras vezes, Bandeira conseguiu tirar tanto de tão pouco. O seu achado se tornou tão seu que é difícil não reconhecer-lhe os traços inconfundíveis do estilo pessoal, as características marcantes de um modo de conceber e dar forma à poesia que definem sua fase madura.**

Manuel Bandeira

Poema tirado de uma notícia de jornal

- **Além disso, a total concentração do poema, fruto de uma poda completa, gera uma extraordinária intensidade do sentido, que só se expande, com essa máxima contenção. Um duplo paradoxo: por um lado, do achado supostamente casual de uma matéria jornalística, impessoal e não poética, se faz um poema com a marca personalíssima de um estilo e de uma poética;**

Manuel Bandeira

Poema tirado de uma notícia de jornal

- **por outro, a simplificação da matéria achada, feita com suprema economia de meios, produz uma amplificação de sentido. O resultado é um grande impacto sobre quem lê: o fim abrupto, sobreposto a um instante de festa, instaura uma situação contraditória que instiga a atenção, impondo-se à reflexão do leitor.**

Manuel Bandeira

Poema tirado de uma notícia de jornal

- O conflito e o desconcerto se irradiam à história toda dessa vida em resumo. Fica-se pensando no mistério dessa vida humilde, afogada pela morte inexplicável após um momento de máxima exaltação. Na forma breve, se condensa um verdadeiro enigma verbal, suscitando, retesando, as mais variadas representações. A contradição se estende à relação com o jornal: ao extrair dele um texto, o poeta muda o seu sentido. Ao invés de aparar o choque, lança-o além.

Manuel Bandeira

Poema tirado de uma notícia de jornal

- **Tirado de uma notícia, o poema já não é notícia; não se esgota na informação sobre a morte singular de um joão-ninguém, expondo-a à curiosidade pública momentânea. Ao contrário: arrancada ao tempo e às circunstâncias fugazes que a transformaram em notícia, esta vira um caso ambíguo num presente intemporal, recontando o instante final do destino dramático e inexplicável de um pobre-diabo, renovando sempre o convite à nossa compreensão.**

Manuel Bandeira

Poema tirado de uma notícia de jornal

- De algum modo, o poema busca assim a adesão do leitor, ferindo sua sensibilidade e imaginação, tendendo a gravar-se em sua memória. Na verdade, busca incorporar-se à própria experiência do leitor, pedindo-lhe uma resposta compreensiva, como algo que agora lhe pertence ou diz respeito à sua intimidade pessoal.

Manuel Bandeira

Poema Tirado de uma Notícia de Jornal

João Gostoso era carregador
de feira livre e morava no
morro da Babilônia num
barracão sem número
Uma noite ele chegou no bar
Vinte de Novembro
Bebeu
Cantou
Dançou
Depois se atirou na lagoa
Rodrigo de Freitas e morreu
afogado.

Manuel Bandeira

Teresa

Poema-paródia do texto lírico e romântico de Castro Alves chamado *O "adeus" de Teresa.* Antilírico, o poeta revela distância da idealização, seja no plano físico, seja no sentimental. A Teresa de Bandeira não desperta nenhum tipo de paixão no primeiro encontro (como a de Castro Alves). Pelo contrário, a visão que o eu-lírico tem dela é bastante negativa. Aos poucos, porém, ele começa a perceber certos encantos de Teresa, para, no final, não ver mais nada e sentir-se apaixonado por ela.

Teresa

A primeira vez que vi Teresa
Achei que ela tinha pernas estúpidas
Achei também que a cara parecia uma perna

Quando vi Teresa de novo
Achei que os olhos eram muito mais velhos que o resto do corpo
(Os olhos nasceram e ficaram dez anos esperando que o resto do corpo nascesse)

Da terceira vez não vi mais nada
Os céus se misturaram com a terra
E o espírito de Deus voltou a se mover sobre a face das águas.

Manuel Bandeira

Profundamente

Neste poema, o “eu-lírico” relembra das festas juninas de sua infância, que lhe trazem lembranças alegres, mas que terminaram, pois o tempo passou e as pessoas queridas já se foram. Note no texto a alternância entre a infância e o presente, além da menção das pessoas ligadas à sua infância, tão mencionadas pelo poeta. É importante salientar a preocupação do poeta na escolha da palavra “profundamente”, que valoriza o poema pela sua sonoridade no refrão, pois há repetição de sons nasais (assonância) e, sozinha, constitui-se numa redondilha.

Manuel Bandeira

Profundamente

Quando ontem adormeci
Na noite de São João
Havia alegria e rumor
Vozes cantigas e risos
Ao pé das fogueiras acesas.
No meio da noite despertei
Não ouvi mais vozes nem risos
Apenas balões
Passavam errantes
Silenciosamente
Apenas de vez em quando
O ruído de um bonde
Cortava o silêncio
Como um túnel.
Onde estavam os que há pouco
Dançavam
Cantavam
E riam
Ao pé das fogueiras acesas?
- Estavam todos dormindo
Estavam todos deitados
Dormindo
Profundamente.
Quando eu tinha seis anos
Não pude ver o fim da festa de São João
Porque adormeci.
Hoje não ouço mais as vozes daquele tempo
Minha avó
Meu avô
Totônio Rodrigues
Tomásia
Rosa
Onde estão todos eles?
- Estão todos dormindo
Estão todos deitados
Dormindo
Profundamente.

Manuel Bandeira

Estrela da manhã
(1936)

Estrela da Manhã **é composto de 28 poemas, 9 em versos livres, 16 metrificados e 3 poemas em prosa, sendo um deles em francês. Essa obra marca o início da última fase do poeta, chamada por alguns críticos de pós-modernista. É a fase mais madura de sua obra. Nela, o autor combina o que de melhor havia na tradição (soneto italiano, soneto inglês, rondó, vilancete, sextilha, cantiga etc.) com as conquistas modernas empregadas anteriormente. Já que o estilo simples, lírico, emotivo e humilde permanece, sendo porém mais fortes o erotismo, os versos surrealistas, a melancolia e a desilusão de viver.**

Estrela da manhã

O poema *Estrela da manhã* introduz e dá nome ao livro. Permanece o emprego de versos livres e brancos. O “eu-lírico” anseia pela estrela da manhã perdida e roga por ela com insistência, num tom de ladainha, chegando a pedir ajuda. Não se importa caso ela venha degradada ou pura, ou se tenha se perdido em outras mãos, ele a esperará com festas (“mafuás, novenas, cavalhadas”); fará sacrifícios (“comerei terra”) e será poeta (“direi coisas de uma ternura tão simples”).

Manuel Bandeira

Estrela da manhã

Em relação à forma não há preocupação rimática, métrica e nem com a estrofação. Observe que a estrela é tratada por *ela*, *tu* e *vós*. Há o emprego de anáfora (6ª e 7ª estrofes) e imagens surrealistas (5ª estrofe), que parecem brotar do inconsciente do "eu-lírico".

Manuel Bandeira

A Estrela da Manhã

Eu quero a estrela da manhã
Onde está a estrela da manhã?
Meus amigos meus inimigos
Procurem a estrela da manhã

Ela desapareceu ia nua
Desapareceu com quem?
Procurem por toda a parte

Digam que sou um homem sem orgulho
Um homem que aceita tudo
Que me importa? Eu quero a estrela da manhã

Três dias e três noites
Fui assassino e suicida
Ladrão, pulha, falsário

Virgem mal-sexuada
Atribuladora dos aflitos
Girafa de duas cabeças
Pecai por todos pecai com todos

Pecai com os malandros
Pecai com os sargentos
Pecai com os fuzileiros navais
Pecai de todas as maneiras

Manuel Bandeira

Com os gregos e com os troianos
Com o padre e com o sacristão
Com o leproso de Pouso Alto

Depois comigo

Te esperarei com mafuás novenas cavalhadas comerei
[terra e direi coisas de uma ternura tão simples
Que tu desfalecerás
Procurem por toda parte
Pura ou degradada até a última baixeza
eu quero a estrela da manhã

Balada das três mulheres do sabonete Araxá

- **A balada é um belo espaço onde se cruzam traços das leituras poéticas de Bandeira. No *Itinerário pra Pasárgada* ele registra: *"O poema foi escrito em Teresópolis depois de eu ver numa venda o cartaz do sabonete. É, claro, uma brincadeira, mas em que, (...) pus ironicamente muito de mim mesmo. O trabalho de composição está em eu ter adequado às circunstâncias de minha vida, fragmentos de poetas queridos e decorados em minha adolescência – Bilac, Castro Alves, Luís Delfino, Eugênio de Castro, Oscar Wilde."***

Manuel Bandeira

Balada das três mulheres do sabonete Araxá

- **Uma análise intertextual desse poema mostra não só as marcas das leituras de Bandeira como, principalmente, a ampliação de sua concepção do poema e o aprimoramento técnico a que chegava na sua maturidade. Ao introduzir no espaço de seu poema versos de outros poetas, está também convertendo-os em substâncias bandeiriana, ou seja, compondo uma nova substância poética, criando neologismos, misturando estilos.**

Manuel Bandeira

Balada das três mulheres do sabonete Araxá

- **Também o poema se insere na linha do erotismo fantasioso. A espontaneidade da composição e a ironia que instaura o deboche sobre o próprio sonho erótico do poeta (eu-lírico) são evidentes no poema, onde ele é seduzido e hipnotizado pelas mulheres do sabonete Araxá.**

Manuel Bandeira

Balada das três mulheres do sabonete Araxá

As três mulheres do sabonete Araxá me invocam, me
[boulerversam, me hipnotizam.

Oh, as três mulheres do sabonete Araxá às 4 horas da
[tarde!

O meu reino pelas três mulheres do sabonete Araxá!
Que outros, não eu, a pedra cortem
Para brutais vos adorarem,
Ó brancaranas azedas,
Mulatas cor da lua vem saindo cor de prata
Ou celestes africanas:
Que eu vivo, padeço e morro só pelas três mulheres do
[sabonete de Araxá!

São amigas, são irmãs, são amantes as três mulheres do
[sabonete Araxá?

São prostitutas, são declamadoras, são acrobatas?
São as três Marias?

Meu Deus, serão as três Marias?

Manuel Bandeira

A mais nua é doirada borboleta.

Se a segunda casasse, eu ficava safado da vida,

[dava pra beber e nunca mais telefonava.

Mas se a terceira morresse... Oh, então, nunca mais a

[minha vida outrora teria sido festim!

Se me perguntassem: Queres ser estrela? queres ser rei?

[queres uma ilha no Pacífico?

[um bangalô em Copacabana?

Eu responderia: Não quero nada disso, tetrarca. Eu só

[quero as três mulheres do sabonete Araxá:

O meu reino pelas três mulheres do sabonete Araxá!

Momento num café

- **Ao iniciar-se com uma oração subordinada temporal, o poema revela um aspecto narrativo. Escrito em 3ª pessoa, sugere não uma vivência própria do eu-lírico, mas observações de uma cena específica ocorrida em um café qualquer. Entretanto, apesar de o poema apresentar características da prosa de ficção, como a narração e a sucessão temporal, estamos diante de um poema lírico pelo fato de o mesmo ser escrito sob a égide da identificação.**

Manuel Bandeira

Momento num café

- **De qualquer modo, podemos classificá-lo como um poema pictórico por apresentar imagens e elementos prosaicos de composição mesclado-os à enunciação lírica. Além de que, o poema nasce a partir das observações de um eu-lírico oculto e também de um sujeito solitário que está na 2ª estrofe. Tais observações imobilizam e a transformam em reflexão interior.**

Manuel Bandeira

Momento num café

- **O poema, portanto, prende-se à visão da lírica moderna, ao trazer para o seu âmbito o mundo prosaico, prática que se inicia com Baudelaire, que traz para o lírico a multidão. Há então uma visão paradoxal entre o mundo elevado e o baixo, entre o sublime e o prosaico. E o poema reflete diferentes atitudes em relação à morte: uma que a encara de modo cotidiano e outra que busca um sentido geral para ela.**

Manuel Bandeira

Momento num café

- **No título, *Momento num café*, o vocábulo momento pode significar uma situação, ou um espaço pequeno, mas indeterminado, de tempo, ou ainda um impulso, uma quantidade qualquer de movimento. Transpondo essas definições para o universo do poema, vemos que de fato se configura uma situação (um cortejo fúnebre que ora passa próximo a um café) em uma indeterminação temporal e também um impulso, e por isto mesmo, irrefletido, maquinal dos *"homens que se achavam no café"*, executando um ato ritualístico.**

Manuel Bandeira

Momento num café

- **Numa visão global do poema, sabemos que se trata de um cortejo fúnebre e que ele tematiza a morte. Embora o tema, oculto pelo título, seja transcendente, o espaço, em que se desenvolve a ação é totalmente cotidiano, mundano. Além disso, há uma mescla de pessoas sobre as quais nada sabemos, apenas as vemos pela mesma atitude tomada: a de saudar o morto de modo distraído, ou mecânico.**

Manuel Bandeira

Momento num café

- **No meio destes, o sujeito lírico oculto separa um com quem irá identificar-se e desloca-o daquele universo comum onde todos se encontravam, o que permite a nós, leitores, conhecer a reflexão que ele fará sobre a relação vida/morte. Os homens que vêem o o cortejo fúnebre passar agem de modo mecânico, saudando o morto sem se dar conta do significado da morte. Um dos indivíduos, porém, contempla longamente o caixão porque sabe que *"a vida é uma agitação feroz e sem finalidade"* e que *a morte é a libertação final da matéria.***

Manuel Bandeira

Momento num café

- O poema é composto por duas estrofes assimétricas (que não tem correspondência), diferentes quanto à quantidade de versos e também quanto à métrica. Apesar de os versos da 1ª serem assimétricos (variam de 5 a 11 sílabas poéticas), seguem, de um modo geral, o esquema rítmico tradicional, mimetizando o bem estar do senso comum, a relativa regularidade do pensamento comum.

Manuel Bandeira

Momento num café

- **Na 2ª estrofe, os versos 8 e 10, livres, reforçam a diferença das duas visões de mundo que aparecem no poema. No 8º, têm-se a introdução da 2ª estrofe e a gestualização paradoxal que levará o sujeito solitário, no 10º, à reflexão da relação vida/morte. Tal paradoxo reforça-se ainda pela adversativa no entanto, que segue à introdução daquele que divergirá do pensamento comum: um no entanto, e pela pontuação, uma vez que há apenas dois pontos: um que encerra a 1ª estrofe e outro a 2ª e o próprio poema.**

Manuel Bandeira

Momento num café

- **Um outro recurso utilizado para diferenciar a dupla visão presente no poema é o vocabular. O vocábulo vida, por exemplo, aparece nas duas estrofes. Na primeira, encontra-se no final dos versos 5, 6 e 7. Esta construção anafórica (repetitiva) parece sugerir a mecanização, a banalização da morte, encarada maquinal e distraidamente, na vida moderna.**

Manuel Bandeira

Momento num café

- **Do ponto de vista sintático, tal vocábulo (vida) é empregado como complemento nominal dos predicativos cujo sujeito é o vocábulo todos, ou seja, os homens. Esta construção frasal reforça a passividade dos homens em relação à vida. Isto é, o senso comum aceita e adere à rotina da vida, que desemboca inevitavelmente na morte. Esta nada mais é que uma conseqüência daquela. E com a morte do corpo a alma pode enfim se libertar.**

Manuel Bandeira

Momento num café

- **Por outro lado, nas duas vezes que o vocábulo vida é empregado na 2ª estrofe, ele o é como sujeito das frases, sendo, portanto, objeto de reflexão do homem solitário, o que o tira do pensamento comum e o faz aderir a uma visão paradoxal da vida. Enquanto os demais vêem a morte como libertação da alma, o solitário encara-a como uma libertação do corpo (matéria).**

Manuel Bandeira

Momento num café

- **Ou seja, enquanto todos os demais tiveram uma atitude mecânica, o solitário, apesar de fazer parte do mesmo universo, num primeiro momento, transcende a mecanicidade do senso comum e se descobre num momento de revelação, *"num gesto largo e demorado".***

Manuel Bandeira

Momento num café

- **Outro vocábulo importante para a compreensão do poema é o verbo saudar, o qual também aparece nas duas estrofes. Embora utilizado no mesmo tempo verbal, tal vocábulo assume significados diferentes. Na primeira estrofe o verbo está atrelado ao movimento, ao gesto de tirar o chapéu, ou seja, os homens tiram o chapéu indicando com isto a saudação, o seu adeus àquele que seria enterrado.**

Manuel Bandeira

Momento num café

- **Ato maquinal, ritualístico, sem qualquer tipo de identificação. Já na segunda estrofe, o homem solitário, além de olhar para o morto também o saúda. São duas ações que se sucedem. Isto é reforçado pela aditiva e com a qual se inicia o 12º verso: *"e saudava a matéria que passava"*. É como se os demais apenas cumprimentassem o morto, enquanto que o outro o felicitava pela "conquista".**

Manuel Bandeira

Momento num café

- **Ressalte-se ainda que o cadáver é morto para o senso comum, e matéria para o solitário. A revelação que este tem faz com que ele veja a morte como uma libertação da vida, uma vez que *"é um agitação feroz e sem finalidade"*, estando a matéria livre da "alma extinta", livre da "vida besta", o que contraria o pensamento comum, baseado na visão cristã da vida.**

Manuel Bandeira

Momento num café

- **Revela-se aqui a identificação do poeta com o solitário e deste com o morto. Vemos esta concepção materialista da vida em outros poemas de Bandeira. Esse materialismo faz o poeta "aderir à realidade terrena, limitada dos seres e das coisas, sem precisar explicá-las para além da sua fronteira, mas denotando um tal fervor que bane qualquer vulgaridade e chega, paradoxalmente, a criar uma espécie de transcendência." É claro que não se trata de uma transcendência religiosa, mas uma espécie de preparação para a morte por que passou o poeta doente.**

Manuel Bandeira

Momento num café

- **Vemos, portanto, que o poeta constrói o poema de tal modo que as duas visões da relação vida/morte se separam antiteticamente. E ele o faz através ainda de um outro recurso: o gestual. Na verdade, o poema é construído tomando por base os gestos: o gesto dos homens, o gesto do solitário e o gesto do sujeito lírico oculto, que indica e revela aquele que destoaria do pensamento comum, *"este sabia..."* .**

Manuel Bandeira

Momento num café

- No caso da 1ª estrofe, o gesto maquinal e distraído dos homens não atinge o sentido geral da morte. E esta gestualização maquinal se reforça também pelo vocabulário: absorto, confiante. Trata-se de uma visão alegorizada e fragmentada. Somente na segunda estrofe o gesto busca atingir o sentido totalizante da morte. E é em tal estrofe que ocorre, num momento, a “revelação vital-instantânea do insondável”.

Manuel Bandeira

Momento num café

- A prática de um lirismo universal, por parte de Bandeira, tem o sentido, segundo Carpeaux, “de transformar o romantismo, condicionado pelas particularidades psicofísicas do poeta doente, em algo simbólico, de validade geral”.

Manuel Bandeira

Momento num café

- **Entretanto, somente a enunciação lírica não é suficiente para se realizar a compreensão totalizante da relação vida/morte. Faz-se necessária a recorrência à tradição épica. O solitário, ao tranqüilizar-se com a revelação, saúda a matéria que passa, e, justamente neste final os versos 12 e 13, decassílabos heróicos, remetem o poema ao sublime. E a epicidade destes dois últimos versos torna a visão paradoxal em "algo de simbólico, de validade geral".**

Manuel Bandeira

Momento num café

Quando o enterro passou
Os homens que se achavam no café
Tiraram o chapéu maquinalmente
Saudavam o morto distraídos
Estavam todos voltados para a vida
Absortos na vida
Confiantes na vida.
Um no entanto se descobriu num gesto largo e demorado
Olhando o esquife longamente
Este sabia que a vida é uma agitação feroz e sem finalidade
Que a vida é traição
E saudava a matéria que passava
Liberta para sempre da alma extinta

Manuel Bandeira

Trem de ferro

O poema é uma imitação sonora de um trem em movimento. Sua riqueza está centrada no ritmo e na sua musicalidade, a qual se baseia na métrica, na aliteração e na assonância, além de incluir três canções em seu interior (Oô...Oô).

Manuel Bandeira

Trem de ferro

O ritmo do trem é marcado pelo número de sílabas poéticas do verso; quando é veloz há trissílabos; quando perde velocidade, possui quatro ou cinco sílabas poéticas (“café com pão”). A linguagem coloquial e as imagens fugidias que passam pela janela do trem e que são percebidas por um “eu-lírico” infantil ou ingênuo aumentam a riqueza do poema.

Manuel Bandeira

Trem de Ferro

Café com pão
Café com pão
Café com pão

Virge Maria que foi isso
maquinista?

Agora sim
Café com pão
Agora sim
Voa, fumaça
Corre, cerca
Ai seu foguista
Bota fogo
Na fornalha
Que eu preciso
Muita força
Muita força
Muita força
(trem de ferro, trem de ferro)

Oô...
Foge, bicho
Foge, povo
Passa ponte
Passa poste
Passa pasto
Passa boi
Passa boiada
Passa galho
Da ingazeira
Debruçada
No riacho
Que vontade
De cantar!
Oô...
(café com pão é muito bom)

Quando me prendero
No canaviá
Cada pé de cana
Era um oficiá
Oô...
Menina bonita
Do vestido verde
Me dá tua boca
Pra matar minha sede
Oô...
Vou mimbora vou mimbora
Não gosto daqui
Nasci no sertão
Sou de Ouricuri
Oô...

Vaou depressa
Vou correndo
Vou na toda
Que só levo
Pouca gente
Pouca gente
Pouca gente...
(trem de ferro, trem de ferro)

Manuel Bandeira

Lira dos cinqüenta anos (1940)

***Lira dos Cinqüent'Anos*, é a sexta coletânea de poemas de Manuel Bandeira, publicada, em primeira versão, em 1940, nas *Poesias Completas* do autor e, em 1944, refundida.**

Manuel Bandeira

Lira dos cinqüenta anos

Lira dos cinqüenta anos **forma, ao lado de *Libertinagem* (1930) e *Estrela da Manhã* (1936), a parte mais densa da lírica do poeta. Quando encarada sob o prisma versificativo, o livro (que desde o título estabelece relação intertextual com a tradição lírica brasileira, contrapondo a *tradicional* maturidade de Manuel Bandeira à romântica juventude d' Álvares d' Azevedo), apresenta, num total de quarenta poemas, vinte e nove com versos medidos (praticamente 75% da obra).**

Lira dos cinqüenta anos

A coexistência, em Manuel Bandeira, paradoxalmente, de um poeta artífice, preocupado com as questões técnicas de poesia e de um poeta *alumbrado*, que não faz poesia quando quer, mas, "quando, ela, poesia, quer" é o que podemos perceber em a "Última Canção do Beco".

Manuel Bandeira

Última Canção do Beco

Beco que cantei num dístico
Cheio de elipses mentais,
Beco das minhas tristezas,
Das minhas perplexidades
(Mas também dos meus amores,
Dos meus beijos, dos meus sonhos),
Adeus para nunca mais!

Vão demolir esta casa.
Mas meu quarto vai ficar,
Não como forma imperfeita
Neste mundo de aparências:
Vai ficar na eternidade,
Com seus livros, com seus quadros,
Intacto, suspenso no ar!

Beco de sarças de fogo,
De paixões sem amanhãs,
Quanta luz mediterrânea
No esplendor da adolescência
Não recolheu nestas pedras
O orvalho das madrugadas,
A pureza das manhãs!

Manuel Bandeira

Beco das minhas tristezas.
Não me envergonhei de ti!
Foste rua de mulheres?
Todas são filhas de Deus!
Dantes foram carmelitas...
E eras só de pobres quando,
Pobre, vim morar aqui.

Lapa - Lapa do Desterro -,
Lapa que tanto pecais!
(Mas quando bate seis horas,
Na primeira voz dos sinos,
Como na voz que anunciava
A conceição de Maria,
Que graças angelicais!)

Nossa Senhora do Carmo,
De lá de cima do altar,
Pede esmolas para os pobres,
Para mulheres tão tristes,
Para mulheres tão negras,
Que vêm nas portas do templo
De noite se agasalhar.
Beco que nasceste à sombra
De paredes conventuais,
És como a vida, que é santa
Pesar de todas as quedas.
Por isso te amei constante
E canto para dizer-te
Adeus para nunca mais!

Manuel Bandeira

Belo Belo

Belo belo belo,
Tenho tudo quanto quero.

Tenho o fogo de constelações extintas há milênios.
E o risco brevíssimo - que foi? passou - de tantas estrelas cadentes.

A aurora apaga-se,
E eu guardo as mais puras lágrimas da aurora.

O dia vem, e dia adentro
Continuo a possuir o segredo grande da noite.

Belo belo belo,
Tenho tudo quanto quero.

Não quero o êxtase nem os tormentos.
Não quero o que a terra só dá com trabalho.

As dádivas dos anjos são inaproveitáveis:
Os anjos não compreendem os homens.

Não quero amar,
Não quero ser amado.
Não quero combater,
Não quero ser soldado.

- Quero a delícia de poder sentir as coisas mais simples.

Manuel Bandeira

Belo belo
(1948)

Esse título foi tirado de um poema da *Lira dos Cinqüenta Anos*. Numa edição posterior,de 1951, foram acrescentados alguns poemas. Trata-se de um livro que compreende a chamada "fase madura" do poeta, em que reaparecem o metro – clássico e popular – tratado com a mesma sabedoria de que o poeta dera exemplo na fatura do verso livre, isto é, mantida a perfeita homologia entre o sentimento e o ritmo.

Manuel Bandeira

O bicho

O bicho de Manuel Bandeira, que não era um gato, um cão ou um rato e que, ainda entre nós, anda por aí à busca de alimentos em meio aos detritos, é tema de um poema de observação social tão nítida que dispensa comentários e se atualiza em nosso próprio cotidiano. É mais um exemplo de um instante flagrado pelo olhar perscrutador do eu-lírico, também no âmbito do social. Alheio às tendências ideológicas da época, o poeta simplesmente apresenta os problemas sociais, sem propor uma solução, permeando seu poema de grande indignação moral: *"O bicho, meu Deus, era um homem".*

O Bicho

Vi ontem um bicho
Na imundície do pátio
Catando comida entre os detritos.

Quando achava alguma coisa,
Não examinava nem cheirava:
Engolia com voracidade.

O bicho não era um cão,
Não era um gato,
Não era um rato.

O bicho, meu Deus, era um homem.

Manuel Bandeira

Arte de amar

A morte sempre foi um dos temas mais recorrentes da poesia bandeiriana, visto que o poeta sofreu durante vários anos com a tuberculose e fora desenganado por uma pluralidade de médicos. Em Belo Belo, onde encontramos o poema "Arte de amar", e nos livros subseqüentes de Bandeira, a morte tornou-se um tema ainda mais constante. Todavia, não encontramos nestes poemas, uma ironia tão acentuada. Isto não quer dizer que o poeta abandonou totalmente este tropo. Pelo contrário, ele lança mão deste recurso, no entanto, o faz de maneira mais leve e reflexiva.

Arte de amar

O poema conta com seis versos e uma estrofe composta por uma quintilha feitos de maneira livre. Esta organização ajudam a dar um tom maior de reflexão à leitura do poema. Neste viés, de despertar esse pensamento reflexivo, Bandeira ardilmente, no que tange à pontuação, utiliza-se de pontos finais e vírgulas bem distribuídos no decorrer do texto. Os versos em "Arte de amar" são curtos; aqueles um pouco maiores recebem a vírgula, que tem como característica principal a função de realizar as pausas. O travessão, outrossim é utilizado no quinto verso, para realizar um efeito de explanação.

Manuel Bandeira

Arte de amar

O sujeito lírico, por meio dos versos, quer passar uma idéia do que ele entende por amor, de como se dá essa arte. Antes de mais nada, é importante definirmos o que entender-se-á por alma no decorrer destes versos. Este substantivo quando empregado em certos contextos pode ganhar significados e usos diferentes. Neste poema, optamos por compreender alma através do conceito socrático, ou seja, a alma que tem a capacidade de exercer um comportamento ético é dotada de faculdades distintas e hierarquizadas: sentido, liberdade e inteligência. E para complementar este conceito elencado pelo filósofo grego, poder-se-á dizer que a alma seria a psique, isto é, um conjunto de fenômenos psíquicos, conscientes e inconscientes.

Manuel Bandeira

Arte de amar

No primeiro verso o sujeito lírico diz que: *"Se queres sentir a felicidade de amar, esqueça a tua alma".* No verso seguinte fala que: *"a alma é que estraga o amor."* Neste ínterim, baseando nestes versos, poder-se-á falar que para sentirmos a alegria de amar devemos abdicar das nossas vontades. O versos subseqüentes, dois e três, evocam o amor agapé, que na língua grega significa o amor, caridoso, compassivo. Esta forma de amor é o amor-compaixão, *"é o sentimento que nega a vontade ao invés, em vez de afirmá-la."* O amor analisado a partir deste viés, foi aquele praticado por Cristo, santos etc.

Manuel Bandeira

Arte de amar

Com estes fatores explicitados anteriormente em mente, para o sujeito lírico a alma só encontra aprazimento quando está em contato com Deus, e não em outra alma. Além disso, outrossim volta a frisar a figura divina, indo até mesmo além, dizendo que a satisfação não pode se dar com nenhum outro ser terreno.

Manuel Bandeira

Arte de amar

O sétimo verso é pautado por um leve erotismo, pois os corpos entender-se-ão apenas com outros corpos. Isto demonstra que para o sujeito lírico o amor se dá apenas por meio de algo erótico, este sentimento é diferente do agapé. Assim sendo, vemos que o eu-lírico não crê no amor tão exaltado por uma miríade de poetas ao longo do séculos. Pelo contrário, ele chega até a ser pessimista em relação ao amor, e podemos dizer que sua visão talvez seja até mesmo baseada na idéia schopenhauriana.

Manuel Bandeira

Arte de amar

Para o filósofo alemão Schopenhauer, o amor estaria arraigado apenas na idéia de Eros, em outras palavras, no impulso sexual. Entretanto, não podemos afirmar com veemência que este pensamento versificado pelo sujeito lírico esteja totalmente em confluência com a do filósofo. No entanto, poder-se-ia falar que a arte de amar no poema é carnal — tendo a influência filosófica de Schopenhauer ou não —, pois afasta a possibilidade de um amor que se dá nas faculdades da alma.

Manuel Bandeira

Arte de amar

Para findar, faz-se necessário frisar que "A arte de amar" é um poema reflexivo onde as rimas praticamente inexistem. Ele se aproxima bastante de um texto em prosa, porém não perde seu caráter poético através dos versos. É um poema escrito por Manuel Bandeira em seu melhor estilo.

Manuel Bandeira

Arte de Amar

Se queres sentir a felicidade de amar,
esquece a tua alma. A alma é que estraga o amor.
Só em Deus ela pode encontrar satisfação.
Não noutra alma. Só em Deus - ou fora do mundo.
As almas são incomunicáveis.
Deixa o teu corpo entender-se com outro corpo.
Porque os corpos se entendem, mas as almas não.
Consolo na praia ...

Manuel Bandeira

Opus 10
(1952)

A expressão do título vem do universo da música. A palavra latina Opus indica genericamente obra , composição, e o número indica a posição de determinada peça num conjunto de composição do autor. Nomeando um livro seu a partir de uma expressão tomada no universo da música, Bandeira ressalta a importância da música e da musicalidade em sua obra.

Manuel Bandeira

Consoada

Na obra de Manuel Bandeira a temática da morte é presente. Bandeira revela uma serenidade ao construir um eufemismo na poesia *Consoada*. O poeta revela a aceitação da "Indesejada" (a morte), porque a dor de viver às vezes é insuportável. Constrói uma poesia sem dizer o nome e nos deixa surpreso ao ver que sua convivência com a Indesejada talvez seja serena.

Manuel Bandeira

Consoada

“Consoada" vem do latim *consolari* - consolar, confortar, aliviar o sofrimento. No início, era apenas uma refeição leve que se fazia, à noite, nos dias de jejum, sobretudo, na Quaresma e na Semana Santa. Com o tempo, passou a designar apenas as ceias da véspera de Natal e Ano Novo, na volta da Missa do Galo - que deve o nome à circunstância de ter, o nascimento e a ressurreição de Cristo, se dado em plena madrugada.

Manuel Bandeira

Consoada

Pouco antes do nascer do sol. Com o galo, na missa, anunciando o fim das trevas e o surgimento de um novo dia. Na mesa sabores tradicionais, passadas de geração a geração. Tudo para celebrar, com parentes e amigos, a própria epifania da vida. Do colonizador herdamos o jeito de celebrar essa consoada. Sem adotar o nome nem alguns pratos próprios dessa ceia, como o tradicional bacalhau da consoada. Muitos foram os poetas que escreveram sobre o tema. Entre eles, Manuel Bandeira.

Consoada

Ao contemplarmos o eu lírico de Bandeira aguardando sua convidada, a “iniludível” fica nítido que, apesar do receio inevitável da noite e de seus “sortilégios”, o poeta apresenta sua composição com a idéia de sua própria efemeridade. Afinal, ao ter a “consoada” por sua companheira destina-lhe um justo lugar, em suas concepções pessoais.

Manuel Bandeira

Consoada

A biografia de Bandeira nos mostra que também ele viveu, perenemente, sob a sombra da morte. Condenado ainda em sua juventude pelos médicos, fez da Indesejada a sua própria sombra, fazendo-o aceitar e compreender que a vida é uma "...agitação feroz e sem finalidade / Que a vida é traição... ".

Manuel Bandeira

Consoada

Bandeira se esforçou para escapar da sua aproximação mais estreita da morte, fiel companheira retratada em Consoada. Com isto demonstrou possuir uma consciência aguçada de que a condição humana é provisória. Desvairado por ter sido lançada em seu caminho a verdade comum a todos os mortais, Bandeira suplica, em "Renúncia", *"... humildemente a Deus que a faça/ Tua doce e constante companheira ..."*.

Manuel Bandeira

Consoada

Esta intimidade com a dor e a morte gera uma amizade que é um contentamento amoroso, uma rotina para um homem acompanhado permanentemente da **“indesejada das gentes”.** Neste sentido podemos afirmar que foi, sim, Bandeira o traidor, pois durante toda sua existência traiu sua perseguidora (a morte) com sua amante fugidia e involuntária (a vida).

Manuel Bandeira

Consoada

E o poeta reconcilia-se com a traída, convidando-a para a Consoada, a princípio temeroso (por não saber se a morte chegaria de maneira dura ou caroável). Aqui, talvez, caiba falar do segundo sentido de consoar, de soar em conjunto, estar de acordo. Assim, consoante com a morte, pode o poeta incluí-la em seu rol de conquistas, que ela se torna não apenas inspiração como também, musa!

Manuel Bandeira

Consoada

Foi, afinal, ela quem colaborou com o poeta para que seu campo fosse lavrado com tanta ternura. Foi a morte que plantou a semente, não do poeta, pois (como o próprio afirma no Itinerário de Pasárgada) este já estava em formação, mas, sim de algumas belíssimas obras, que fazem parte, neste receptivo jantar: um cardápio como finas iguarias dispostas ao longo de uma vida que deixou cada coisa em seu lugar.

Manuel Bandeira

Consoada

Em Consoada, Bandeira conseguiu superar as aflições, em um ritual de sedução, em uma confraternização, em um jantar, que é uma das atividades normais da vida.Uniu os princípios da vida e da morte. Ela, a traidora e amante indesejada, sob o mesmo teto, à mesma mesa, em um banquete servido pela poesia em pessoa.

Manuel Bandeira

Consoada

Quando a Indesejada das
gentes chegar
(Não sei se dura ou
caroável),
talvez eu tenha medo.
Talvez sorria, ou diga:
- Alô, iniludível!
O meu dia foi bom, pode a
noite descer.
(A noite com os seus
sortilégios.)
Encontrará lavrado o campo,
a casa limpa,
A mesa posta,
Com cada coisa em seu
lugar.

Manuel Bandeira

Estrela da tarde (1958/1963)

Reeditado em 1963, com novos poemas, *Estrela da tarde* apresenta a maturidade do poeta completo que Bandeira já é ao tempo deste livro, onde ele tanto retorna ao soneto tradicional (reinventado na sua poética), como se utiliza de recursos gráficos –talvez inspirados nas vanguardas contemporâneas (o concretismo) – como podemos visualizar em poemas como: *Azulejo, Rosa tumultuada* e *A onda.*

Mal sem mudança

Da América infeliz porção mais doente, Brasil, ao te deixar, entre a alvadia Crepuscular espuma, eu não sabia Dizer se ia contente ou descontente.

Já não me entendo mais. Meu subconsciente Me serve angústia em vez de fantasia, Medos em vez de imagens. E em sombria Pena se faz passado o meu presente.

Ah, se me desse Deus a força antiga, Quando eu sorria ao mal sem esperança E mudava os soluços em cantiga!

Bem não é que a alma pede e não alcança. Mal sem motivo é o que ora me castiga, E ainda que dor menor, mal sem mudança.

Manuel Bandeira

Poema do mais triste maio

Meus amigos, meus inimigos
Saibam todos que o velho bardo
Está agora, entre mil perigos,
Comendo em vez de rosas, cardo.

Acabou-se a idade das rosas!
Das rosas, dos lírios, dos nardos
E outras especies olorosas:
É chegado o tempo dos cardos.

E passada a sazão das rosas,
Tudo é vil, tudo é sáfio, árduo.
Nas longas horas dolorosas
Pungem fundo as puas do cardo.

As saudades não me consolam.
Antes ferem-me como dardos.
As companhias me desolam
E os versos que me vêm, vem tardos.

Meus amigos, meus inimigos,
saibam todos que o velho bardo
Está agora, entre mil perigos,
Comendo em vez de rosas, cardo.

Manuel Bandeira

Azulejo

a l a r i d o	f e r r o
a l v o r a d a	s e r r o
p e i t o	
f l a u t a	
n é s p e r a s	n o i t e
a n ê m o n a	n o i v a d o

Manuel Bandeira

Rosa Tumultuada

a
t
te a doro
n
i
a da
tu m ul tu
ro sa
n
i

Manuel Bandeira

A onda

AONDA

a onda anda
aonde anda
        a onda?
a onda ainda
ainda onda
ainda anda
        aonde?
aonde?
a onda a onda

Manuel Bandeira

Mafuá do malungo (1954)

Publicado na Espanha por iniciativa de João Cabral de Melo Neto. Mafuá significa feira popular, malungo é um africanismo, significando companheiro. Nesse livro, Bandeira faz jogos com as primeiras letras das palavras, faz também sátiras políticas, brinca “à maneira de” outros poetas.

Manuel Bandeira

Carlos Drummond de Andrade

O sentimento do mundo
É amargo, ó meu poeta irmão!
Se eu me chamasse Raimundo!...
Não, não era solução.
Para dizer a verdade,
O nome que invejo a fundo
É Carlos Drummond de Andrade.

Manuel Bandeira

Auto-Retrato

Provinciano que nunca soube
Escolher bem uma gravata;
Pernambucano a quem repugna
A faca do pernambucano;
Poeta ruim que na arte da prosa
Envelheceu na infância da arte,
E até mesmo escrevendo crônicas
Ficou cronista de província;
Arquiteto falhado, músico
Falhado (engoliu um dia
Um piano, mas o teclado
Ficou de fora); sem família,
Religião ou filosofia;
Mal tendo a inquietação de espírito
Que vem do sobrenatural,
E em matéria de profissão
Um tísico profissional.

Manuel Bandeira

Casa Grande & Senzala

Casa Grande & Senzala,
grande livro que fala
desta nossa leseira
brasileira.

Mas com aquele forte
cheiro e sabor do Norte
-Dos engenhos de cana
(Massangana!)

Com fuxicos danados
E chamegos safados
De mulecas fulôs
Com sinhôs.

A mania ariana
Do Oliveira Viana
Leva aqui a sua lambada
Bem puxada.

Se nos brasis abunda
Jenipapo na bunda,
Se somos todos uns
Octoruns,

Que importa? É lá desgraça?
Essa história de raça,
Raças más, raças boas
- Diz o Boas -

Manuel Bandeira

É coisa que passou
Com o franciú Gobineau,
Pois o mal do mestiço
    Não está nisso.

Está em causas sociais
De higiene e outras que tais:
Assim pensa, assim fala
    Casa Grande & Senzala

Livro que à ciência alia
A profunda poesia
Que o passado revoca
    E nos toca

A alma de brasileiro
Que o portuga femeeiro
Fez e o mau fado quis
    Infeliz!

Segundo Davi Arrigucci Jr., em sua obra *Humildade, paixão e morte*, o maior enigma e “marca de fábrica” do poeta Manuel Bandeira é a **simplicidade**, que nada tem de vulgaridade ou prosaísmo. Antes, é fruto de um trabalho complexo de “condensação e depuração da linguagem”, construído através de uma **experiência** dorida e contínua com a idéia da morte iminente, por causa da ameaça da tuberculose, morte, aliás, que se adiou por oitenta e dois anos, e através da descoberta da **rua**, do mundo além do eu ensimesmado, dos personagens e objetos do **humilde cotidiano**, principalmente a partir de *Libertinagem*.

Professora
Ana Cristina Ribeiro Pereira

Manuel Bandeira